

J. Ants & Liby.

## JOAQUIM ANTONIO DA SILVA

Os homens distinctos, cujas biographias teem até agora abri-  
lhantado a galeria d'esta Revista, vivem felizmente entre nós; e,  
no esplendor da sua robustez intellectual, promettem larga messe  
de obras e feitos memoraveis para nobilitar seus nomes e honrar  
a patria. Não julgamos, todavia, contrariar a indole de actuali-  
dade d'este catalogo das nossas illustrações, collocando entre os  
retratos dos contemporaneos vivos, o de um mancebo illustre,  
que um destino implacavel acaba de roubar á sua familia, aos  
seus amigos, á patria e á sciencia, porque elle, que tão esperan-  
çoso era, e tanto havia já trabalhado, é ainda todo dos nossos  
dias, e custa-nos a acreditar que não exista já entre nós.

Joaquim Antonio da Silva, medico-cirurgião, e socio effectivo  
da Academia Real das Sciencias, era, ainda ha poucos dias, Lente  
de Physica, e Director do Observatorio Meteorologico do Infante  
D. Luiz, na Escola Polytechnica.

Hoje o seu corpo jaz sepultado debaixo das aguas do Oceano-  
Athlantico, e o seu espirito subio outra vez ao seio do Creador,  
deixando-nos viva a memoria das suas virtudes, com o exemplo  
da sua dedicação pela sciencia e pelo rigoroso cumprimento dos  
seus deveres.

Parece que uma fatalidade inexoravel se obstina contra a Es-

cola-Polytechnica, roubando-lhe successivamente, d'entre os seus professores, aquelles em quem se fundavam as mais lisongeiras esperanças e que promettiam abrilhantal-a pelo seu talento, fortalecendo-a ao mesmo tempo pela seriedade e devoção, com que se consagravam á laboriosa missão do ensino publico.

Conta esta escola apenas vinte e quatro annos de existencia, e n'este curto periodo dez dos seus professores baixaram á sepultura. Cinco d'entre elles, na primavera da vida, foram arrebatados ás sciencias, que cultivavam com amor, pela tísica pulmonar, agravada talvez, senão suscitada, pelo ardor excessivo dos seus laboriosos estudos.

Francisco Xavier d'Almeida, que foi o primeiro lente de zoologia na Escola Polytechnica, era um professor, cuja exposição correctá, clara e fluente captivava a attenção dos alumnos, instruindo-os ao mesmo tempo que os deleitava, e, fazendo concorrer a bondade do seu coração ao aproveitamento das suas lições, imprimia no ensino, de que se havia encarregado, certas feições familiares, que tinham muito de paternal. Ensinava a zoologia na Escola, e a philosophia no Lyceu Nacional, e ao mesmo tempo, como medico e bom medico que era, não se recusava a soccorrer os enfermos, principalmente ós pobres. Baixou á sepultura quando a sua falta se tornava mais dolorosa e sentida.

Poucos annos depois da Escola Polytechnica haver soffrido esta primeira perda, um dos mais bellos talentos, que entre nós se manifestaram n'este seculo, um mancebo de grande elevação de idéas, de grande força de character, dotado de intelligencia superior e transcendente, que, depois de vigorosos estudos, apresentava já em todo o seu esplendor vasta instrução nas sciencias mathematicas, tendo adquirido em França, na Escola de Construção Naval em Lorient, profundos conhecimentos na engenharia de marinha, os quaes começava a pôr em pratica no nosso arsenal com assombro de todos, depois de vencidas innumeras difficuldades, havendo luctado corajosamente contra a sorte, contra a inveja das mediocridades irritadas, contra mil obstaculos, que a todo o momento se levantam contra os homens de boa vontade, quando uma brilhante carreira se abria diante do seu grande merito, succumbe a uma tísica destruidora, apagando-se com a sua vida uma brilhante luz, que devia ser a nossa gloria e a redempção da nossa marinha. Este mancebo era Gregorio Nazienzeno do Rego, Lente substituto de mathematica na Escola Polytechnica.

Outro substituto de mathematica, Abreu Rego, que cursára com grande distincção a Universidade de Coimbra, que fóra

admittido na Escola depois de um brilhante concurso, e em cujo talento, e em cuja seriedade e applicação tantas esperanças se fundavam, foi espirar na Ilha da Madeira, a cujo clima se abrigára tendo tido apenas poucos mezes de exercicio no professorado.

A organização do ensino de desenho tinha sido na Escola Polytechnica uma das mais graves difficuldades por falta de professor habilitado com os conhecimentos theoricos de geometria descriptiva. Apareceu nos bancos da mesma escola um moço talentoso, grave, e dedicado ao estudo com grande propensão para as artes graphicas. A opinião de condiscipulos e mestres parecia designal-o para dirigir o ensino de desenho. Admittido primeiramente como ajudante, e depois como professor, tendo mostrado nas lições de concurso a sua muita superioridade, o Sr. Monteiro conquistou em pouco tempo uma excellente reputação. Dedicado d'alma e coração ao ensino que lhe fôra confiado, entregou-se a elle com todo o enthusiasmo de um artista e com toda a gravidade de um sabio. A sua debil constituição physica não pôde supportar o excessivo trabalho a que se dava constantemente e d'ahi lhe sobreveio a enfermidade que em poucos mezes o levou á sepultura.

Mas para que ir mais longe? Não pertendemos fazer aqui o necrologio de todos os professores que a Escola Polytechnica tem perdido: o nosso objecto é commemorar a perda recente que esta escola soffreu com a lamentavel morte de um dos seus mais dignos membros, mas não podemos deixar de fazer sentir esta inexoravel insistencia de uma doença atroz que tantas victimas tem feito na corporação a que nos honramos de pertencer.

Deveremos nós attribuir este lastimoso factó unicamente ao improbo estudo a que se deram os homens verdadeiramente consagrados á sciencia e ao ensino publico, em uma escola, que havia adquirido um nome respeitavel pela honrosa dedicação dos seus primeiros professores? Não o podemos totalmente acreditar.

O estudo pertinaz e aturado, o trabalho incessante e violento podem, decerto, agravar o mal e determinar, pela fadiga, uma prematura morte; porém a causa vem de mais longe e a sua origem deve encontrar-se nos vicios da constituição physica dos individuos, constituição alterada por causas muito variadas, entre as quaes preponderam seguramente as desfavoraveis condições hygienicas em que nas grandes cidades nascem e se desenvolvem os seres da nossa especie.

É bem sabido que nos grandes focos de população a especie se detriora, e as familias, condemnadas por muitas gerações á vida urbana, acabam por tornar-se enfezadas e rachiticas, se as

não regenera o sangue robusto dos homens creados no campo. As faculdades intellectuaes dos filhos das grandes cidades podem a certos respeitos aprimorar-se pela cultura incessante, e até pela excitação d'estes centros da grande actividade civilisadora; a irritabilidade nervosa exalta-se, mas a compleição organica perde constantemente o seu vigor normal e acaba por offerecer pouca resistencia ás acções destruidoras da vida.

A população activa e robusta que ainda se encontra nas capitães populosas é geralmente fornecida pelas provincias, por meio d'esta continua e providencial circulação que se estabelece entre ellas e o centro de onde dimanam as mais poderosas influencias sociaes de um estado

Dos cinco professores que a tísica pulmonar victimou na Escola Polytechnica quatro, pelo menos eram oriundos de Lisboa. Não offerecerá esta triste coincidência materia para sisuda reflexão e sério estudo aos homens competentes?

Á sciencia hygienica incumbe investigar quaes devam ser os meios prophylacticos que se devem oppor a estas causas, sempre crescentes, da destruição da especie humana pela fatal accumulção a que incessante e progressivamente tendem n'esta época, pelo abuso da excessiva centralisação politica e administrativa, os homens dos paizes mais civilizados.

Fomos irresistivelmente conduzidos a estas considerações, reflectindo sobre a triste coincidência a que alludimos, e que assaltaram o nosso espirito ao receber a infausta nova do fallecimento do nosso collega; mas é tempo de nos occuparmos exclusivamente d'elle, tecendo-lhe n'esta modesta noticia biographica uma singela coroa de saudades.

## II

O Sr. Joaquim Antonio da Silva, filho do Sr. Joaquim Antonio Borges da Silva, nasceu em Lisboa aos 18 de Abril de 1830. Desde os seus primeiros estudos revelou o seu talento, e ainda mais a seriedade da sua applicação e o insaciavel desejo de instruir-se. No Lyceu Nacional que frequentou dos 12 aos 17 annos de idade, cursando as disciplinas que completam o ensino secundario ou de humanidades, conquistou a consideração dos seus mestres e o respeito dos seus condiscipulos.

Destinando-se á honrosa profissão da medicina, foi desde 1847 buscar á Escola Polytechnica as habilitações necessarias para encetar os cursos d'aquella sciencia. Nas cadeiras de Physica, Chymica, Botanica e Zoologia, e principalmente nas tres ultimas,

foi alumno tão distincto que chegou a alcançar o numero equivalente aos primeiros premios, que effectivamente teria recebido, senão pertencesse á classe de voluntarios, que nas nossas escolas não teem direito áquellas distincções.

Em outubro de 1849 matriculou-se no 1.º anno do curso medico-cirurgico. Os credits que o precediam não foram desmentidos n'esta escola; ali deu sobejas provas de assidua applicação, de talento transcendente e de propensão não vulgar para os estudos de observação.

Em quanto se entregava com avidez aos trabalhos praticos da anathomia humana, difficeis e perigosos, ferio-se um dia na mão esquerda com o escalpello com que desecava um cadaver, inoculando-se involuntariamente o virus purulento, do que lhe resultou tão perigosa infecção, que, senão fóra o cuidado e saber dos facultativos que o trataram, o levaria á sepultura, como a outros muitos tem acontecido em identicas circumstancias.

A esta enfermidade tão perigosa, seguiu-se, para o nosso collega, e quasi sem interrupção, a dor profunda e largamente sentida que lhe causou a morte de sua extremosa mãe, que nas vigalias e continuo trabalho, que tivera durante a doença de seu filho, deteriorou completamente a saude, acabando por perder a vida.

Tão pungente desgosto, depois de tão longo soffrimento, não lhe afrouxou o ardor pelo estudo; resignado e corajoso, procurou lenitivo a seus males na sciencia, que tem por fim mitigar os dos outros, e á proporção que progredia no curso medico, subia elle no conceito de mestres e condiscipulos, fortalecendo a boa opinião que havia adquirido desde os primeiros passos que déra nas escolas.

Tinha apenas terminado a frequencia do 4.º anno da Escola Medico-cirurgica, quando em Julho de 1853, a Escola Polytechnica abriu concurso para provimento do logar de Lente Substituto da cadeira de chymica.

Levado seguramente mais pelo desejo, a que poucos resistem, de apresentar uma prova da extensão do seu talento, do que pela ambição, em todo o caso honesta, de conquistar uma posição difficil, que em consciencia não sentia inferior ao seu talento, não hesitou em apresentar-se n'esta arena scientifica, apesar de ter por concorrentes pessoas que faziam da chymica estudo exclusivo e de predilecção, em quanto elle era obrigado a despendar a maxima parte do seu tempo com os estudos medicos, deixando só para as sciencias physicas as horas que aquelles lhe deixavam livres.

A empresa parecia ousada e na realidade o era, pois ninguém julgaria resolução prudente, o apresentar-se um mancebo como candidato ao magisterio n'uma sciencia difficil e vastissima, sem d'ella haver feito mais longo estudo do que aquelle que nas escolas se exige para satisfazer ás condições de um curso de instrucção preparatoria. É verdade que estas imprudencias repetem-se muitas vezes, como as que commettem os viajantes audaciosos que caminham nas trevas. A falta que temos de homens inteira e exclusivamente dedicados á sciencia, o pouco valor scientifico de muitos professores, que com pasmosa facilidade alcançaram sentar-se nas cadeiras do magisterio, desculpa até certo ponto a mocidade audaciosa, exalta-lhe a presumpção, abafa-lhe a natural modestia e chega a convencel-os de que reúnem em si tudo quanto é necessario para fazer um excellente professor. Por outro lado avaliando tambem, e logicamente, as difficuldades do logar pelas vantagens, que lhe são inherentes, concluem que, o que pouco rende, pouco vale, e não póde ser difficil de alcançar. - É esta a logica mercantil do nosso tempo. Assim nós vemos apresentarem-se muitas vezes concorrentes aos logares do magisterio, na instrucção superior, mancebos, que ninguém poderia presumir que a tanto se aventurassem.

Mas não foi guiado por essas calculos ignobeis que Joaquim Antonio da Silva se aventurou ao concurso de um logar difficil de obter e mais difficil de conservar honrosamente. Sabia elle muito bem que um dos concorrentes, ligado até com a Escola e com a cadeira de chymica pelas funcções que ali exercera lhe devia ser superior na pratica das manipulações chymicas; e por outro lado, não havendo ainda terminado o seu curso medico, que tão auspiciosamente começára, e, sendo n'esta carreira mais esperançosa a sua posição, não era de presumir que a quizesse sacrificar a um logar tão modesto nos seus proventos e tão escabroso no seu largo desempenho. Por isso para nós é evidente que a apresentação do nosso collega ao concurso da substituição da cadeira de chymica não foi mais do que o aproveitamento de uma occasião para manifestar perante o publico illustrado a medida do seu talento; tentativa nobre e desinteressada em um joven que sentia em si força, coragem, e vontade de servir o seu paiz e engrandecer a sciencia.

Satisfez por tal modo ás provas a que o submetteram, que desde a primeira licção captivou a opinião do publico e a estima dos seus juizes. Não foi brilhante na exposição, como desejam sel-o os que, possuindo poucos haveres de sciencia, querem offuscar pelo fulgor da phrase; foi correcto. methodico, claro, e

fluyente. A votação do jury foi-lhe completamente favoravel. O conselho da escola propoz ao governo a sua nomeação, e em 26 de Dezembro de 1853 foi effectivamente nomeado substituto da Escola Polytechnica.

No principio do anno de 1854 começou o seu tyrocinio, frequentando, ainda como estudante, o ultimo anno do curso medico-cirurgico. Obrigado n'estas difficies circumstancias a um trabalho improbo, para não desmerecer dos conceitos adquiridos em ambas as escolas, apressou a ruina da sua tão debil saude, e foi por esta occasião que se lhe manifestaram os primeiros symptomas da doença que mais tarde o devia sacrificar. O excessivo zelo e rigoroso escrupulo que punha no cumprimento dos seus deveres não o deixaram descansar um momento. No decurso do anno foi por vezes accomettido de violentas hemophyses. Os trabalhos do laboratorio fatigavam-o e aggravavam o seu estado morbido. Todos os seus amigos começam a receiar alguma crise funesta.

Por conselhos da medicina, foi em Janeiro de 1855 procurar no clima da Madeira alivios aos seus soffrimentos: mas n'esta viagem não conseguiu um resultado muito favoravel, e voltou ao continente soffrendo sempre, porém sempre animoso e dedicado, sem quebra de energia, ás sciencias que affeiçoava.

Os seus collegas viam assustados os progressos da enfermidade que o minava e trataram de vêr se o poderiam affastar dos penosos trabalhos do laboratorio chymico. Devia n'esse tempo provêr-se a substituição da cadeira de physica, cujo exercicio, pelo menos na parte practica, se considerava menos penoso. Lembra-ram-se então de o propor para este ultimo logar; e a proposta da escola foi approvada pelo governo. Esta transferencia deu-lhe ainda alguns annos de existencia.

No principio de 1856 começou a reger a sua nova cadeira, e no ensino da physica sustentou a mesma reputação de bom, diligente e esperançoso professor que havia adquirido na regencia da cadeira de chymica.

Pelo mesmo tempo a Academia das sciencias escolheu-o para leccionar a cadeira de introduccão ás sciencias physicas, que aquella Academia administra em virtude do legado do padre Mayne.

Estudo continuo e variado, trabalho incessante, exacto e rigoroso cumprimento das obrigações de professor, e além d'isso a clinica de medicina e cirurgia que nunca deixou de exercer, já no hospital de S. José em que era cirurgião, já na cidade aonde acudia aos enfermos que era chamado a visitar, tudo isto

fazia e a tudo se entregava com devoção e amor, sem cuidar nem quasi pensar no precario estado da sua saude que successivamente se ia de dia para dia arruinando.

Mas não se limitava unicamente ao cumprimento restricto e consciencioso dos seus deveres, como professor e como medico; o seu amor pela sciencia levava-o mais longe; trabalhava tambem para a fazer progredir.

Na primavera de 1857 empreendemos nós ambos uma serie de estudos sobre a viciação do ar atmospherico no interior dos edificios e principalmente nas casas que estavam em communição directa com os canos de despejo. Trafava-se então de condemnar o absurdo systema adoptado para a remoção dos despejos da cidade. A primeira parte d'este trabalho foi presente á Academia das sciencias em Maio d'esse anno, e acha-se impressa nos Annaes das sciencias e lettras, que se publicava então de baixo dos auspicios da Academia.

O mau estado de saude do nosso collega não lhe permittiu continuar então a serie de experiencias, que haviamos planisado, e por isso aquelle estudo ficou interrompido. Foi n'esta época que a 1.<sup>a</sup> classe da Academia das sciencias o recebeu entre os seus socios, collocando-o na secção das sciencias physicas.

Já por este tempo havia tomado conta da Direcção do Observatorio Meteorologico do Infante D Luiz, que lhe fôra confiada em consequencia de se haver dimittido o fundador d'aquelle estabelecimento o sr. Dr. Guilherme Pegado.

Perto de quatro annos dirigiu gratuitamente aquelle estabelecimento, e tomou parte nos seus mais serios trabalhos, principalmente nos que tinham por objecto as delicadas e importantes observações dos phenomenos magneticos. Sobre estes apresentou, em Outubro de 1859, uma extensa memoria á Academia das sciencias, memoria que foi mandada imprimir entre as da collecção da mesma Academia.

Além d'este trabalho, que por si só é muito importante e que foi o primeiro d'este genero e sobre este objecto que se redigiu em Portugal, havia-se elle occupado anteriormente da analyse das aguas das chuva, colhidas em diversas condições meteorologicas, e principalmente com o fim de avaliar a sua riqueza em azotato de amonia, seguindo n'este estudo os trabalhos dos srs. Baussingault e Barral, que têm servido para illucidar questões de alto interesse para a agricultura e para a physiologia vegetal.

Entre os seus trabalhos de verdadeiro valor scientifico não vemos tambem deixar de mencionar a these deffendida na es-

cóla medico cirurgica por occasião de terminar o seu curso medico, e na qual tratou, com grande superioridade, da *acção do per-chlorureto de ferro sobre o sangue*, these que, segundo nos informaram, foi reproduzida pela imprensa em jornaes estrangeiros.

Nas sessões do congresso medico, que se reuniu por occasião da funesta epidemia de 1857, o sr. Silva tomou parte muito activa, não só nas discussões publicas, em que defendeu as melhores doutrinas com grande proficiencia, mas principalmente nos trabalhos da 4.ª commissão em que foi um dos membros mais assíduos e mais uteis.

A vida d'este mancebo inteiramente dedicada ás sciencias, e cujos auspiciosos principios tanto promettiam a esta nossa terra, actualmente tão pobre de verdadeiros sabios, não podia por muito tempo resistir aos ataques incessantes de uma implacavel enfermidade, aos trabalhos do magisterio, e ás fadigas do estudo. Luctou por muito tempo, submetteu-se a todos os preceitos que lhe foram impostos pela medicina, e afinal resolveu tentar o ultimo recurso, fazendo uma viagem ás nossas possessões da Africa occidental.

Em Abril d'este anno partiu de Lisboa no vapor D. Pedro; não quiz ir ocioso e tomou o lugar de cirurgião de bordo. O começo da sua viagem foi esperançoso; ao chegar a Cabo-Verde transmittiu aos seus parentes e amigos consoladoras noticias, que faziam agourar um bom resultado d'esta tão incerta tentativa; mas estas esperanças não se deviam sustentar por muito tempo. Os seus soffrimentos augmentaram e tomaram um character assustador; perdeu inteiramente a voz, e reconheceu elle mesmo os signaes precursores do proximo termo da sua existencia. Contudo o seu animo não afrouxou um só instante; como facultativo prestou, não só a bordo, mas em todos os pontos em que o vapor estacionou, os serviços que lhe foram pedidos; como sabio procurou colleccionar importantes exemplares de historia natural para o nosso museu, e ainda nos ultimos dias da sua existencia, quando elle mesmo duvidava de poder chegar com vida á patria, se entretinha em preparar um d'esses exemplares pelas suas proprias mãos.

Assim este espirito superior e infatigavel, modesto e singelo, via chegar tranquillo e resignado o termo da sua tão curta e laboriosa carreira, que elle só desejava alongar para ser util á humanidade, e ainda empregava as horas d'aquelles dias, que sabia serem os ultimos da sua vida, em trabalhos proficuos á sciencia.

O vapor que o conduzia aproximava-se das costas de Portugal, mas, antes que tornasse a avistar a terra da patria, sentiu que se apagava a luz da sua existencia, e quiz morrer como christão recebendo as ultimas consolações da Igreja pelo ministerio de um sacerdote, que no vapor D. Pedro vinha como passageiro. Cercado dos muitos amigos, que havia conquistado pela sua affabilidade durante a viagem, espirou placida e tranquillamente lembrando-se com saudade, mas resignado, dos parentes e intimos amigos que deixava na terra.

Foi no dia 10 de Agosto pouco depois das 3 horas da tarde na latitude N. 33°, 43' e Longitude de Gr. 15°, 51', 47", que esta bella alma se separou d'entre os vivos.

Dois dias depois entrava o vapor D. Pedro em Lisboa tendo deixado o corpo de Joaquim Antonio da Silva sepultado debaixo das aguas do Oceano.

A sua morte causou viva sensação entre todos os que o conheciam, porque todos lhe consagravam verdadeiro affecto, pela singeleza benevola e affavel do seu bello character, pela sua honestidade e desinteresse, e por todas as virtudes que adornavam o seu nobre coração.

Sem que lhe coubesse em sorte um grande engenho, brilhante, audacioso ou profundo, como aquelles que constituem os verdadeiros homens de genio, era todavia dotado de talento seguro e observador, e animava-o um desejo firme e ardente de trabalhar pela sciencia, pelos progressos da humanidade, pela gloria e bem estar do seu paiz. Em tão curta e atormentada vida, poucos fariam mais do que elle, e nenhum o excederá em amor pela sciencia, em zelo e rigor no cumprimento dos seus deveres.

Lisboa 31 d'Agosto de 1860.

J. PIMENTEL.

## CARTA

### À REDACÇÃO DA REVISTA CONTEMPORANEA

**Pelo Sr. A. F. de Castilho**

**Amigos e Senhores Redactores**

Fez-me El-Rei grande mercê e honra chamando-me para a Cadeira de Litteratura Moderna no Curso Superior de Lettras. A essa graça de Sua Magestade correspondi agradecendo-a, e desaceitando-a por desmerecida. Expuz-lhe as minhas rasões; o exito a final mostrou se ellas eram solidas.

Houve por essa occasião, segundo me constou, pessoas mais zelosas, ao que parece, da minha bolsa e credito do que eu proprio, que, por não terem n'esse momento coisa melhor que fazer, viraram e reviraram por todos os lados possiveis, e por outros muitos, aquella minha recusação, e m'a interpretaram em mal, com sobeja leviandade, permittam-me ellas que lh'o diga. Esperei que essas increpações, como vans que erã, e porque, pela pessoa a quem se referiam pouco valiam a pena, com o tempo se desvanecessem; mas consta-me agora que ainda duram; e que só se pode explicar por ser a nossa terra de poucas novidades. Por isso vos peço o favor de afixardes nas vossas columnas a carta, em que eu submetti ao juizo de Sua Magestade as minhas ponderações: será o modo de se não fallar mais em tal. Sua Magestade achou-as attendiveis; os nossos criticos não poderão fazer menos.

A cadeira de litteratura moderna está provida e muito bem

provida; tratemos de quaesquer outros assumptos, que todos interessam muito mais.

Vosso etc.

Lisboa 12 de Setembro de 1860.

A. F. DE CASTILHO.

**Carta de Antonio Feliciano de Castilho a Sua Magestade El-Rei D. Pedro V em 22 de Outubro de 1859.**

Senhor!—Permitta-me V. M. que eu não limite a méras palavras fugitivas, que para o mundo e para a posteridade são como se não foram, mas antes confie á escripta, por ser fiel, diffusiva, e perduravel, os meus cordeaes agradecimentos a V. M., pela tão honrosa escolha com que V. M. Se Dignou de me chamar para a cadeira, por V. M. fundada e mantida, de litteratūra moderna, e particularmente nacional.

Ao distribuir premios este anno passado disse V. M. estas palavras, de que eu me não heide esquecer em toda a vida, nem a historia em tempo algum: SOU AMIGO DOS QUE TRABALHAM. Ficou-me portanto licito desde logo escrever a V. M. O trabalho zeloso e util dá-me para com V. M. o mesmo privilegio, de que já por seu talento e genio se gosaram para com outros grandes principes outros escriptores.

Senhor! Se alguma coisa poude igualar-se em mim á ufanía, não vaidosa, de me vér por V. M. mesmo designado para um cargo, que tanto requer de saber, de philosophia, e de apurado gosto, confesso a V. M. que logo na segunda hora, apoz a do inthusiasmo, me introu a dominar com energia não menor o receio de não ter forças, nem meios, nem recursos, correspondentes ao desejo e á espectação de V. M.

Entretanto o deliberar-me era difficilimo. Que de rasões de todo o genero, que de impulsos interiores para eu aceitar! mas que montanhas e cordilheiras de difficuldades para me pôrem medo!

Devia alguma coisa a mim, e ao meu nome; ao nome, ao credito, e aos interesses de meus filhos; devia muito mais a V. M.; á nossa patria e á civilisação devia tudo. Para qualquer lado que houvesse de cair a resolução, deixaria inevitavelmente esmagados muitos respeitos, que me haviam de ficar bradando vingança na consciencia.

Dei-me portanto a estudar com toda a sisudez e individuação os contras de cada pró, e os prós de cada contra; era obedecer ao legislador da poetica e do bom senso.

.....*versatē diu, quid ferre recusent,*  
*quid valeant humeri*.....

¿Qual era a natureza e a extensão dos estudos que se me commettiam? Primeiro ponto para sério exame.

¿Quaes para um bom desimpenho os meus cabedaes existentes? ¿quaes as minhas faculdades, forças e condições para os conseguir novos e melhorados? Segundo ponto não menos grave.

Presuppondo que os podesse alcançar, pelo menos sufficientes, qual era (e este terceiro ponto era momentosissimo) a sua importancia real comparada com a de outras lidas, que me seria forçoso renunciar?

Eis aqui, Senhor, o que, para integra e escrupulosamente se esclarecer, pedia, e não dispensava, longos dias e noites das mais constantes, ininterruptas, e improbas diligencias.

Só agora, que cheguei cançado ao cabo de todas ellas, mas livre e seguro de erros e illusões; só agora, Senhor, é que posso desimpenhar-me de um dever, cuja tardança involuntaria já me estava remordendo.

Exporei a V. M., como V. M. o Quer, e por todos os titulos o Merece, os resultados das minhas averiguações em todos os tres pontos.

O quadro da litteratura moderna, quadro sem moldura, quadro recrescente por todos os lados, quadro vivo, cambiante, quadro de tão vagas e incontradas luzes, de tão profundas e inextricaveis sombras, exige em quem se arroje a explical-o mais que um erudito, e um poligloto: um homem cujos olhos possam devorar de continuo, cuja memoria, já prodigiosamente cheia, possa de continuo absorver e assimilar, cujo gosto se não confunda nem embote, cuja philosophia domine, alta e brilhante como sol, todas as questões, porque assim o digamos, sublunares, da arte e das escolas. Esse homem não era, esse homem não sou eu.

O meu peculio de idiomas é escaço.

Creado por Deus para produzir algumas florinhas de poesia, em quanto não chegasse estação, que emfim chegou, de produzir tambem por entre ellas, e d'ellas, alguns frutos substanciaes, nunca, nem o pendor natural, nem o tempo, nem a necessidade, se me compadeceram com o cosmopolitismo litterario. Abaixo dos meus classicos romanos, meus primeiros amigos e formadores, e de dez ou doze modernos, meus reformadores, e não menos amigos, posso affirmar a V. M., que os livros da minha mais costumada applicação tem sido o meu proprio espirito, o meu proprio coração, e a natureza.

Senhor! Em minha boa e leal verdade: eu não sei senão muito poucas coisas. A cada passo me incontro invergonhado por essa rumorosa republica litteraria (na qual tambem V. M. é magnate) com individuos não naturaes d'ella, uns naturalisados, outros adventicios, por quem eu, quanto ao intrinseco, me não trocára talvez, mas cujo copioso haver feitiço e de ostentação, me admira, e me confunde. Certos de entre elles, e muitos, representam-se á minha humilde sinceridade uma especie de entes sobrenaturaes, que advinharam, não só a philosophia, as theorias, e as regras, mas tambem quantos livros se tem produzido, e se hão de produzir. Nunca ninguem os vio estudar, e acreditar-se-hia ao ouvil-os que estudaram tudo. De dia e no serão professam em cursos ambulantes, a enciclopedia; qualquer banco de passeio, loja, ou theatro, lhes é cathedra; qualquer grupo fortuito auditorio; é logo necessariamente de noite, e em quanto dormem, que por um especial favor do Alto se lhes filtra para o cerebro a sciencia infusa do primeiro homem, e que as abelhas de Platão lhes vão zumbir em roda do leito, e fabricar nos labios os seus panaes doirados.

Proceda d'onde proceder a sua universal sciencia, e, o que para mim não é menos assombroso, a fé implicita que elles tem na sua propria infallibilidade, com que se arrogam tom e creditos de oraculo, o que eu unicamente sei bem, Senhor, é que, sobre não possuir um systema vasto e completo das innumeraveis noções que a nova cadeira vem pedindo, careço, ainda mal!, de tudo quanto fóra preciso para as grangear.

Não me dissimulo que o peculio real de noticias e principios, de factos, e de idéas, se póde até certo ponto dispensar, com um pouco de habilidade, e não pouco de despejo. Em coisa nenhuma tanto como na litteratura e na philosophia, por sua indole essencialmente vaga, em nossos dias sobretudo, se podem levar os applausos das turbas com prestidigitações, e phantasmagorias; não faltou quem m'o advertisse, e me aconselhasse a aceitar o beneficio e a honra, correspondendo ao *deus nobis hæc otia fecit*, com o *ego mira poemata pango*. Por isso mesmo que era amplissimo e indemarcado o campo, livre me ficava, ponderavam elles, percorrel-o ao som da minha phantasia, ou ao sopro do acaso; desvairar-me de digressão em digressão; esquivar as agruras e fragosidades da sciencia, para me espairecer no ameno e florido do descriptivo, das biographias dos autores, dos quadros historicos dos tempos e dos logares, das anedoctas, das recitações apraziveis, das criticas mordazes e facetas; emfim, estanciar em Capua, coroado de rosas, n'um festim opiparo, vencendo o mes-

mo soldo que se andasse quebrando os pés e a espada atravez dos Alpes, por onde era o primitivo itinerario. Bom conselho em verdade para o dia seguinte áquelle em que se tivesse amortalhado a consciencia!; bonissimo arbitrio, se não fôra infame, querer dar pelo oiro de V. M. palavras doiradas, e corresponder ao convite de V. M. para lidas sérias, com o abuso impudente e sacrilego da boa fé e do heroico patriotismo de V. M.

Quando, á conta da altura do throno de V. M. baixesa e remoto da minha posição, eu me quizesse inganar com a esperanza de que V. M. não descobriria a infidelidade do meu trabalho, outros muitos a saberiam; e, quando ninguem mais a soubera, sabia-a eu; e como a eu soubesse, já a cama de plumas depurada pela munificencia de V. M., me daria mais vigalias revolvidas do que somnos regalados; já cada pedra da casinha, que eu houvera edificado com esse thesoiro, clamaria contra mim, como tres vezes roubada: roubada primeiro a El-Rei; roubada depois ao mais digno do que eu; roubada, por derradeiro á porção estudiosa do nosso povo.

Quero antes ficar-me bem comigo mesmo no fundo da minha pobre obscuridade, e merecer que V. M., sabendo por mim mesmo que eu não era o que V. M. procurava, me compense com um pouco de estimação moral, o que me quiz prodigalizar em brilho litterario e em fortuna.

Senhor; Para que V. M. Se inteire de quanto a meu pesar e quão veridico faço a V. M. estas confissões, com igual franqueza, como quem falla ao AMIGO DOS QUE TRABALHAM, declaro agora a V. M. que: assim como sou insufficiente para esta escola, qual a planejaram e instituíram o sabio intendimento e magnanimo coração de V. M., tarefas ha, de mais humilde natureza, mas não talvez menos prestadias, de que eu tenho para mim daria boa conta, se me foram incumbidas. São, em primeira linha, as que se referem directa e immediatamente á instrucção elementar do povo. O passado responde pelo futuro: já facilitei pela philosophia, pela mnemonisação, e pelo attractivo da amenidade e do amor, como V. M. mesmo presenciou, o ensino do ler e do escrever; bem haja eu por isso; que ampliei margem a novos estudos e trabalhos; porque: (foram palavras estas de V. M.) o DESENVOLVIMENTO DA ACTIVIDADE SOCIAL TENDE A ROUBAR O TEMPO AO ENSINO; EMPREGAR TODA A FORÇA VIVA DA MOCIDADE (disse-o ainda V. M.) É UMA DAS EXIGENCIAS, E DAS CONSEQUENCIAS DO ESPIRITO E DA ORGANISAÇÃO SOCIAES DA ACTUALIDADE. Mas o estudo da grammatica geral e portugueza, e o da lingua latina, dois empregos diurnos das minhas lucubrações, estão ainda por concluir; e concluidos não

seriam menos serviçaes, nem menos frutiferos. N'estes dois ramos, e em varios outros que ainda me chamam pela vontade, pertencentes ao primeiro plantar nos espiritos que se arroteiam, tem-se entre nós laborado, ou muito me engano eu, n'um grave erro: pertendem-se levar as noções para dentro da memoria de assalto e á escala vista; o meu systema, o meu dogma, é pelo contrario: que á memoria se não vá senão atravez, por favor, e com boa paz do intencimento; é isso o que dá á alma, desde o seu principio, os bons habitos, o gosto para o trabalho, que então se torna prazer, e uma fecundidade real e proveitosa. ¿Quem melhor o sabe que V. M.?, e quem melhor que V. M. o podéra ter dito?: AS ESCOLAS INFERIORES MAL CORRESPONDEM Á SUA MISSÃO, E NÃO DÃO AOS ESPIRITOS AINDA NOVEIS DOS SEUS ALUMNOS OS ORGÃOS DE ASSIMILAÇÃO QUE A INSTRUÇÃO SUPERIOR SUPPÕE.

Já que de lingua latina fallei, passo adiante; e digo: que outra obra ha, de indole mais litteraria, mais congenita ao novo curso fundado por V. M., para a qual eu sei e sinto que a natureza e o meu estudo me aparelharam: é a trasladação de monumentos classicos romanos para a nossa lingua.

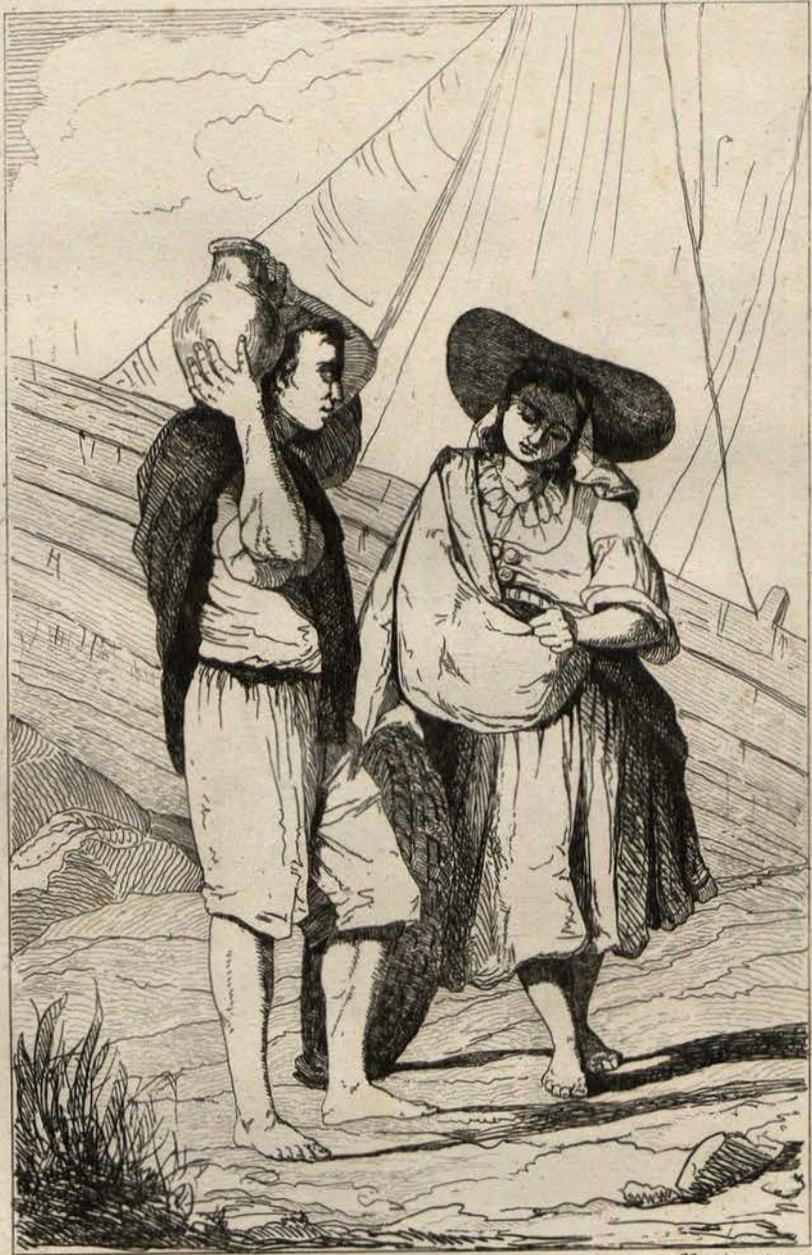
Já as *Metamorphoses*, os *Amores*, e os *Fastos*,<sup>1</sup> de Ovidio, pertencem pelas minhas diligencias á litteratura nacional; as restantes obras do mesmo Gigante, sinto-me ainda com forças e animo para as ir desinterrar d'onde o desestudo do latim as tem sumidas, e expol-as não menos para modelos aos curiosos do antigo. Em todas as escolas, até nas mais oppostas, ha muito que se aproveite.

Os poemas completos do *desterrado do Ponto*, todas as litteraturas europeas os ambicionaram, e os metteram em si, com mais ou menos boa fé; a nossa, que algumas vezes o havia tentado, póde agora pelo meus ardentés e fervorosos esforços conseguil-o; é empreza para a qual eu não peço mais do que o tempo (retribuições e premios viriam superfluos; encontro-os de sobejo na approvação, no quasi applauso dos intendidos) e, se alguma corôa mais podesse ainda ambicionar, seria para mim a primeira, e a mais invejavel de todas, que V. M., o Rei Sabio e Lettrado, o Fautor de todos os bons estudos, o Amigo e o Exemplar de todos os que trabalham, Se Dignasse de me aceitar a reverente dedicacão de um tal monumento.

Depois de Ovidio, está ahi Virgilio requerendo tambem a sua

<sup>1</sup> Já posteriormente á data d'esta carta tem o sr. Castilho traduzido a *Arte de amar*, o *Remedio do amor*, e algumas das *Heroides*, de Ovidio; não fallando no *Moretum*, e alguns outros opusculos da poesia romana.





*Anuncietação pint. e grav.*

*Silencio retrato.*

carta de naturalisação, e esperando obter-a sob um Principe que tanto lhe deve fazer lembrar na illustração, e no amparo aos poetas, o seu Augusto; Virgilio, já tantas vezes traduzido em portuguez, e ainda hoje por traduzir.

Depois de preludiar em Ovidio, talvez me aventurasse eu, ainda que a medo, a metter mãos áquella eterna musica Virgiliana.

Diz-me o senso intimo, que n'estes labores de poeta, para onde estudo e gosto me reclamam, posso muito mais e melhor servir a V. M., do que o faria desbaratando-me, e consumminando-me, a révolver e commentar uma litteratura interminavel, de mil aspectos, e na maxima parte desconhecida.

Depois, Senhor, quem sabe se este sorriso benevolo de V. M. ás musas antigas, que tanto podem contribuir para se nos completarem estudos, e retemperar a lingua, não esforçaria a outros, depois de mim, para commettimentos semelhantes, até virmos a possuir, tambem nós, o corpo inteiro dos poetas e dos prosadores do povo grande, de quem herdámos tudo mais.

A lingua portugueza, de todas as neolatinas a mais latina incontestavelmente, póde aspirar sem temeridade a isto com que tantas outras se tem opulentado; e (sem lisonja palaciana o affirmo) a nenhum reinado viria mais proprio um tal Pantheon que ao de V. M.

Não pára n'isto, Senhor, o que eu julgo e creio poder: além dos serviços á instrucção primaria, abençoados amores de V. M., e á instrucção academica pela resurreição dos Engenhos — Principes de outras eras, posso, como nos dias de minha plena mocidade, cultivar o quinhão de que a natureza me fez dom; torrõesinho ajardinado entre herdades soberbas no Parnaso portuguez. Tenho poemas originaes ineditos, uns quasi concluidos, outros em meio, outros esboçados, a que seria melhor, cuido eu, pôr a mão ultima, do que destruil-os, para vagar á commentação arbitraria, e mal auctorizada, de poemas que outros escreveram.

Aqui tem V. M., expostos com leal franqueza, sem falsa modestia, nem vaidosas presumpções, os resultados do meu longo exame de consciencia.

Agora: a V. M., o decidir; e a mim, o obedecer sem replica.

Se, como espero, o AMIGO DOS QUE TRABALHAM, me ordena proseguir nas lidas para que fui talhado, V. M. me permittirá que lhe dé os parabens de poder já intregar esta escola da faculdade de lettras a quem se possa dignamente pôr a par dos outros dois professores, tão discretamente escolhidos por V. M.; e, se, pois que V. M. é, e se confessa, nosso amigo, me é dado, em



## PEDRINHO

Quando a senhora morgada da Dos Negros deu a noticia de estar resolvida a vir habitar na côrte, o cura da parochia, costumado n'uma doce convivencia de annos á sua conversação e ao seu chá, foi um homem que se sentio cair das nuvens e que ficou fazendo uma idéa da fatalidade!

Era-lhe tão fagueira a intimidade que havia cultivado n'aquella familia, no centro de uma alegria frouxamente evangelica que o deixava desafogar o animo a murmurar dos visinhos: achava tão jucunda a torrada quotidiana; os especiones da casa pareciam-lhe regulados por tão acertada receita; e seduzia-se a tal ponto pelos jantares dos dias de festa, em que por muitas vezes, antes de ver o fumo á sôpa, já a fidalga lhe dava para o bolsinho o rebuçado devido ao sermão que prégara na capella, que, o pobre homem! ao escutar a nova da partida, sentiu-se mais infeliz que um cego que perdesse o seu páu e o seu cão!...

— O meu Pedrinho anda triste, padre Venancio, e é de ruim presagio o descontentamento n'aquellas edades! Deus sabe o que váe custar-me deixar a solidão da aldêa: creei-me com ella; e o ruido da sociedade, que me assustou quando eu era moça, tem de inquietar-me na velhice! Todavia, a felicidade de meu filho é hoje tudo para mim, e eu espero ainda que aquella precoce melancholia se dissipe nos es-

pectaculos do mundo. O coração das creanças tem o seu movimento regulado como o de um relógio, e pára quando a mão amiga de uma mãe se esquece de lhe dar corda. Que eu não me accuse nunca, meu padre, de não haver evitado a tempo que este menino, cujo character tristonho me assusta hoje, veja solitario, um dia, cairem-lhe as folhas da existencia antes da chegada do seu outomno!

— Valha-nos Deus! replicava o cura preparando um conceito. O menino, senhora morgada, sempre me pareceu dotado de character circumspecto, proprio a brilhar na idade da rasão. Pelo que olha a ser debil e fransinho, bem vemos que está agora a crescer e que o ensino melindroso que tem tido lhe não permite encorpar como esses rapagões do campo que accordam de pequenos com a enxada ás costas!

— Não me dê rasões d'essas, cura! Ha verdadeira doença de espirito n'aquelle arveloa que alli vê!

— Fructas verdes que come! respondia o padre no tom cathedratico de quem se despega de uma difficuldade methafisica. Fructas verdes que come, e muitos sóes que apanha!

A morgada fazia um derradeiro esforço e aspirava uma vez mais a ser comprehendida do padre, que, mais estúpido que uma ameixa, se obstinava a não ter sequer instinctos!

— Meu rico, diz-se nas comedias e nas novellas que nós as mulheres, pobres creaturas a quem o mundo attribue todos os defeitos e pequices do character humano, somos apprehensivas até á loucura, visionarias até ao ridiculo. É possivel. As namoradas e ás esposas, deve isso succeder: creio-o bem. As mães não acontece assim, e o coração advinha-nos. Pedrinho é o filho do meu terceiro anno de nupcias, e meu marido já não me tinha amor. É uma existencia que a tristeza dos paes predestinou, e o pranto da viuvez baptisou mais tarde! Tem quinze annos, e sente-se infeliz. Não é da sua idade o pallido sorriso que lhe expira nos labios. Na sua phisionomia crestada pelo sol do campo, parece lér-se o vigor e a força: a debilidade da sua voz desmente-a. Teem talvez os extremos do meu amor, quem sabe? conccorrido para que um dia o seu espirito se contriste ainda mais da vida. Mas, se sempre temi que a austeridade do estudo aniquilasse aquella existencia melindrosa e debil!... A sua alma, todavia, parece desprender-se ás vezes do involucro carnal e voar liberta para es mundos superiores em que os grandes espiritos se extasiam, mas onde vão devorar-se as almas timidas, que, como uma flor impellida pelo vento, teem de succumbir ao sopro inflammado das regiões em que se formam as tempestades!

— Senhora morgada! senhora morgada! ponderava o cura, que não entendera: tenhamos temor a Deus!

— Temor a Deus, sim, padre! E que posso eu mais do que esperar

d'elle que a sua piedade infinita alumie a minha alma, n'uma inspiração que salve a vida do meu Pedrinho!?

O cura encolhia os hombros, amofinado por não poder commover-se. Um pouco de espirito torna os corações bons: espirito de mais, creio que os perde: mas elle, coitado, tinha-o de menos! e emquanto a coração... é melhor não fallarmos n'isso!

Formou-se um silencio de alguns minutos, em que a morgada parecia concentrar-se n'uma idéa fixa e o seu olhar tomava a expressão desanimada de uma mãe que pressente a morte ao filho. O cura torcia o guardanapo, rolava uma bolinha de pão entre os dedos, e bocejava a intervallos breves. As pulsações de um relógio de parede quebravam apenas aquella mudez, e os latidos do cão da quinta, rolando pelo espaço, vinham perder-se alli tristemente...

— O senhor desembargador, se bem me recorde, morreu antes do nascimento d'este menino? perguntou enfim o padre, para dizer alguma coisa.

— Na vespera do seu nascimento! respondeu a mãe. Olhe, padre, falle-me d'outra coisa. Nunca se deve andar por cima de flores séccas, para nos livrarmos de pisar memorias...

O cura que estava á espera d'uma phrase, que lhe parecesse propria a ficar sem replica, ergueu-se e procurou o chapéu, com os ares molestos de quem recolhe o espirito.

— Todos temos a nossa cruz! disse, ao retirar-se. Peço ao Divino, que lhe abrande as suas magoas e lhe resolva tudo para bem!

— Deus ha de ouvir-me, padre. É por um innocente que o imploro.

A creada, que fôra alumiar ao cura, principiou a trancar as portas, como era costume depois da retirada d'esta visita de cada noite. A morgada conservou-se immovel, fixando a vista vagamente n'um e outro objecto. A noite ia agreste: o vento açoitava as vidraças, e gemia por entre a rama das arvores da quinta. A morgada tirou os pés de dentro do cesto em que uma botija de agua quente lh'os aquecia, agarrou n'um castiçal, e dirigindo-se ao quarto de seu filho entreabriu brandamente a porta.

A creança estava accordada, e olhou para a mãe sorrindo. Era uma physionomia angelica em que reluzia o genio, e que deixava advinhar que alguma suprema idéa, raio divino da sua alma, não podia sair do corpo opaco que o suffocava, senão quebrando-se!... Tinha olhos negros e magnificos, uns languidos e aveludados olhos de mulher; a fronte alta, a expressão inquieta, e uma vaga melancholia no sorriso que raramente suavizava o arco inflexivel dos seus labios palidos.

Não havia ainda amado, mas sonhado. Desenhára mil vezes na phantasia os traços poeticos de uma visão encantada, mas debalde a imaginação dos quinze annos tentára dar côr e vulto áquella sombra ado-

rada no extase de um sonho... Era o vago anhelos de um coração de creança, que já receiava não poder esperar da vida a felicidade que se atrevesse a pedir-lhe!

— Ainda não pegaste no somno, filho da minha alma? perguntou-lhe a mãe, abraçando-se a elle entre caricias.

— Já, e sonhei! respondeu a creança n'um tom de abattimento. Sonhei e vi-a, a ella! Vinha tão bonita, hoje!

— Quem, filho meu?

— A sombra! A sombra com quem sonho sempre, que vem fallar comigo ás noites enquanto durmo, tão discreta e medrosa que me foge ao despertar do somno, fazendo-me chorar o momento em que accordei!

A morgada misturou de lagrimas, os beijos com que cobria as faces de Pedrinho.

— Dorme; dorme, filho! Tenho medo d'esses sonhos. Esses sonhos são fataes! Vê se socegas, para te ergueres cedo e partirmos!

— Sempre vamos de madrugada, mamã?

— Ao romper do dia havemos de ir na estrada. Porque não foi hontem já?! Não terá a vida das cidades, o condão do desvanecer na tua alma a vaga melancholia que a existencia da aldéa fez nascer!?

A partida teve logar n'essa noite, mas a esperanza tornou-se inutil. Pedrinho pareceu cada vez mais triste e mais entleado no labyrintho dos seus sonhos. Era uma febril e doente imaginação de creança! Dir-se-hia que não era um anhelos, um desejo vago, uma indefinida esperanza, o que lhe devorava o espirito: mas uma recordação, uma saudade, uma remeniscencia... Elle vira já essa mulher, que nunca encontrára: fallára já com essa mulher, a quem nunca vira: vivéra com essa mulher, a quem jamais fallára!... Mas, onde e quando?

Um thio, que tivera, frade de São Domingos, velho desconfiado da vida e da sciencia, contára-lhe uma vez algumas passagens tristes de uma triste historia. Eram os amores de duas creanças, que se haviam reconhecido n'uma vida depois de se haverem amado n'outra. Pedrinho sonhou com isto treze noites, e lembrou-se ás vezes da transmigração das almas.

— Haveréi eu já vivido? perguntava elle a si proprio, nas longas noites de insomniã em que esse amor vago e sem esperanza, concebido por uma mulher impalpavel, vinha apoderar-se d'elle ao chegar do somno, para apenas lhe fugir ao acordar. A semilhança de uma figura como que ha muito tempo esquecida, apparecia-lhe então de uma forma distincta; mas, como por encantol a visão apagava-se-lhe entre os dedos no momento de querer tocar-lhe.

E era uma creatura bella, que parecia não ser da terra! Dir-se-hia que a sua pèlle resguardava a chamma seductora e esplendida do

sol quando está nascendo: d'entre os seus cabellos, saiam raios luminosos, e os seus olhos, que deviam ser o espelho da sua alma, pareciam doirar o mundo no relampago.

— Anjo, anjo ou sombra! exclamava Pedrinho, despertando em extase. Porque me foges?

Uma vez, a senhora morgada, que era, desde pequena, admiradora entusiasta das magicas do Salitre, levou Pedrinho ás *Pilulas do diabo*. É uma sensação que não se repete na vida, o extase supremo de quem passa pela primeira vez a noite n'um theatro. Era um conto do oriente, aquella magica, e a phantasia de não sei que dramaturgo arruinara-se em mil prodigalidades de imaginação. Pedrinho sentia-se outro, e a sua alma passava por aquella phase amena e grata, que os francezes chamam *rêvêr*, e que não é mais do que sonhar accordado!

Uma actriz sobretudo, prendia-lhe a vista. Era incumbida de um papel de fada, e parecia querer alargar até elle o seu condão.

— Quem é, perguntou elle a alguém, esta deliciosa creatura? Vae ella, a prestigiosa fada! empalidecer ao acabar da noite, e expirar aos primeiros clarões do sol?

— É Margarida, menino: uma rapariga perdida que deixou pae e mãe pelo theatro!

— Oh! que gentil talento!

E Pedrinho, ao sair do theatro, já tinha n'alma um desejo; ver Margarida outra vez. A sua vida pareceu accordar ao seu primeiro desgosto, quando na noite seguinte encontrou fechadas as portas do theatro.

— O' Margarida!... Margarida! Porque penso eu assim em ti, rainha de uma noite, rainha de comedia? Que ha em ti de maior e mais poeticó do que nas outras mulheres, para que a tua imagem ficasse gravada na minha alma e o teu nome resôe ainda ao meu ouvido! Poderás ao mundo parecer má ou vulgar, mas a minha alma advinha-te, a minha alma que não se illude! e bem sinto que não és semelhante ás outras, tu que nasceste de um sopro de poesia!.

— Ha duas récitas, que não vejo o pequeno! disse d'alli a tempo Candida a Margarida, durante um intervallo em que espreitavam pelo oculo do panno de bocca. Morreria acaso, por haver aturado a magica outo noites?!

Candida e Margarida, eram duas actrizes que se estimavam muito, mas que disputavam sempre uma á outra os melhores papeis e os melhores amantes. Com ambas as coisas, porém, era Candida infeliz. Uma natureza triste e inquieta, um temperamento desconfiado e nervoso, originavam n'esta pobre rapariga a amargura perpetua que suscitam os revezes de fortuna e os pesares de coração.

Emquanto a Margarida, era uma creatura bem alheia ao que os quinze

annos do meu heroe a figuravam. Tinha uma voz falsa, que disfarçava no calor da dicção; tirava ás vezes partido de um gesto, de uma inflexão, de um olhar, mas exagerava sempre o olhar, a inflexão, e o gesto: ardente, sincera, excêntrica, havia momentos todavia em que o seu entusiasmo a salvava, e em que elle tinha lagrimas na voz, lagrimas nos olhos, lagrimas no coração.

— Disseram-me que o seu nome é Pedro; Pedrinho lhe chamam: achal-o bonito? perguntou Margarida a Candida.

— Se tem um defeito, é sel-o de mais.

— Rico?

A outra encolheu os hombros.

— Se tem outro defeito, proseguiu Margarida rindo, é talvez sel-o... de menos!

— Queres-l'ó? perguntou Candida.

— Para qual de nós olha?

— Para ambas.

— Oh! não!

— Gostas tu d'elle?

— Mais que de mim.

— E se eu gostar tambem?

— É ainda uma coisa em que me contrarias.

— Bem! retrucou Margarida, depois de scismar um instante. Decidiréi amanhã!..

— No ensaio?

— Na récita, á noite.

— E se não o quizeres?

— Dou-t'ó.

— Guarda-o já! redarguiu Candida. Nem eu o queria agora!

— Espera! disse Margarida encontrando com a vista um copo de dados, que tinha de figurar na peça. Tiremos á sorte qual de nós o ha de ter! Impar por mim. Atira!

A outra chocalhou o copo; os dados marcaram onze.

— Impar, ganhei! O pequeno é meu! exclamou Margarida entre gargalhadas.

— Pobre creança! redarguiu Candida. Sabes tu que é horrivel, haver-mol-o jogado aos dados?

Passaram alguns dias. Depois de mil diligencias timidas para chegar até Margarida, Pedrinho conseguiu ser-lhe apresentado n'uma ceia. A actriz n'esse dia fazia annos, o que lhe costumava succeder a miudo, tendo de Janeiro a Dezembro pouco menos anniversarios natalicios do que o anno tem de mezes!

Margarida recebeu Pedrinho com um olhar e um sorriso; sorriso d'esperança, e olhar de promessa: estendeu-lhe uma bonita mão que

elle beijou, e offereceu-lhe ao seu lado um logar que uma vista dos seus olhos pareceu implorar-lhe.

D'alli a um instante todavia, oh! Deus piedozo! Elle olhou petrificado e attonito a sua heroína adorada, sem já lhe ouvir a voz com que o tinha encantado, nem lhe avistar o ardente olhar que o seduzira! Era uma voz rouca e aspera, era um olhar embaceado e nebuloso! E nem os mais leves traços d'aquella phisionomia captivadora lhe appareciam senão desfigurados, extinctos, perdidos... Nem brilho na pelle, nem luz nos olhos, nem côr nos labios!

Que fizera dos gestos rasgados e sublimes com que acompanhava as palavras? que fizera mesmo das inflexões suavissimas, que lhe matissavam cada phrase? que havia feito da graça, do gosto, da belleza da Margarida da scena, esta Margarida da orgia cujo halito accusava o abuso dos licores, e de que até o olhar revelava os extravios da impuresa?!

A ceia tinha todo o aspecto de uma ruim festa. Pedrinho nunca vira coisa mais feia, do que gente grosseira a comer.

— Como seriamos felizes, disse um dos convivas a Margarida, se este Porto fosse tão secco como o teu coração!

A rapariga riu-se. Era estupidez? era bondade? O bem e o mal tocaram-se de tão perto, que é impossivel saber onde acaba um, e onde principia o outro.

— Dize mais! retrucou ella. Todos nós sabemos que é uma condição do teu character, não abrires a bocca — quer para fallar, quer para beber! — senão... á custa d'alguem!

Eram d'estas as galanterias, que alli se trocavam, e a sociedade parecia divertir-se assim. Propoz-se uma saude a Pedrinho, e aos seus amores. Todos os olhos se fixaram em Margarida.

— É inutil! redarguiu elle. Se não amo ninguem!

— Ninguem! disse a actriz sorrindo, n'essa idade e com esses olhos não amar ninguem!?

— Considero-me muito inferior para que aspire a ser amado como eu o sonho, e sinto-me muito altivo para acceitar o amor que me poderiam dar!

— Ah! ah! replicou a rapariga, n'uma gargalhada. Como é então preciso ser, para lhe agradar?

— Ter alma e ser bella!

— Duas coisas menos raras, exigo eu no homem que me fizer a côrte; redarguiu ainda Margarida, ferida no seu amor proprio: contar vinte annos, e ter bigode!..

Pedrinho fez-se córado. Era o adoravel pudôr dos quinze annos, que o arguia de ainda não ter barba! Tambem, para que fôra elle alli! se por mais que quizesse corromper a sua consciencia, ella podia absol-

vel-o em voz alta mas tinha de o codemnar baixinho!... Sentia-se só, pobre creança! e a solidão mais terrível, é a que, ao entrar da vida, se encontra no centro da sociedade!.. Margarida tentou reconciliar-o, e estendeu-lhe a mão, que elle repelliu phrenetico com uma expressão de cólera indomavel.

— Vae-te! disse-lhe. Entre nós ha um abysmo que nem a tua vista pôde medir. Não mereces o amor que eu te podia dar, nem o amor que cheguei a sentir por ti! Actriz, o teu reino não é o coração, é o palco; o teu futuro não é a serenidade dos affectos, mas o ruido dos applausos. Estremeço agora ao encarar o abysmo em que a paixãe ia precipitar-me. Podia comprar as tuas caricias e os teus beijos, mas a quem compraria, para t'as dar a ti! as sensações que o meu amor fa pedir-te? Não! Tu guardas a alma no camarim, onde conservas o pó de arroz com que nos seduzes!

Margarida olhava-o pasmado, e estava a ponto de o tomar por doido.

— Adeus! disse-lhe elle ainda, erguendo-se e apertando-lhe a mão. Adeus para sempre! Tenho pena que não podesses entender-me, por que és incapaz de sentir; e comprehender é igualar! Sabes tu? Se eu elevasse a Deus um voto pela tua felicidade, seria a pedir-lhe que não te desse bexigas!.. Aliás ficará perdido o teu futuro, que todo depende d'essa pelle suave e magnifica, que á noite, ao clarão das luzes, encanta e desvaira! Adeus, Margarida! Fica com a tua frieza, que eu fujo com o meu amor!

Instantes depois de Pedrinho partir, Candida foi encostar-se á cadeira de Margarida, e balanceou-a para a accordar do turpor e atonia em que cahira.

- De que te esteve elle a fallar?
- De um sonho que tivéra.
- De um sonho!? Viu as vaccas de Pharaó?
- Viu uma mulher que sou eu, e que não se parece comigo. É meio louco!
- Pareceu-te meigo?
- Cruel e feroz.
- Vaidoso?
- Vaidoso como tu!
- Lisongeou-te alguma vez?
- Offendeu-me sempre.
- E soffreste-o?
- Se me agrada, se o amo assim!

O resto da noite, para Pedrinho passou-se em claro. Tudo foi scismar, e emprehender mil planos. A coragem de nunca mais ver Margarida pareceu consolar a sua alma. Com o chegar do dia, porém, veio o desejo de ir ainda uma vez ao theatro, e adquirir a certeza de

que não a amava se nenhuma impressão sentisse ao vel-a. Baldado empenho, todavia! O fogo d'aquelles olhos e o som d'aquella voz, tiveram o poder de o encantar novamente, e a sua alma de creança não teve forças para repellir uma hora de seducção. Loucura é isto? Quem sabe?! Os ephemeros não vivem senão um segundo; mas, se é um segundo de felicidade, ... os ephemeros vivem bastante!...

Isto passava-se pelo carnaval. Os actores haviam ajustado entre si, irem depois do theatro a um baile publico. Duas ou tres actrizes tinham promettido fazer parte do rancho, e do numero d'estas era Margarida. Esta noticia deu-a um actor a Pedrinho, convidando-o a ser da caravana. Na idéa de matar as suas impressões de amor pela Margarida da scena com o inevitavel desgosto que a conversação e as maneiras da Margarida da vida real lhe iam ministrar, Pedrinho accetou. Logo depois do espectáculo, subiu para um dos caleches de que só restou um logar a prehencher. N'outro, já os quatro logares estavam tomados. Faltava Margarida apenas.

— Teremos que esperar boas horas! disse um actor. Margarida entra na ultima scena, e levará seculos a despir-se!

N'este momento, porém, ouviu-se uma gargalhada penetrante e fina: era a actriz que subia para o calleche, vestida ainda com o traje de scena.

— Para os não fazer esperar! disse ella, fixando a vista em Pedrinho, que estremeceu quando a sentio a seu lado.

Os calleches partiram. Pedrinho contemplou a actriz, sem poder sequer fallar-lhe. Que surpresa foi a sua, ao vel-a vestida e caracterizada assim! A mão de Margarida descanzava sobre a d'elle, e os olhos de ambos encontravam-se n'um febril e apaixonado olhar. Ella vinha n'um costume de princeza grega, com uma larga tunica de damasco amarello bordado de vermelho, cinto de seda, e as mangas largas do traje oriental. Pedrinho nunca a havia visto tão bella, tão moça, e tão poetica! Uma atmospheria de milagrosa claridade parecia cercal-a, e apoderar-se das almas convidando-as a adoral-a. As suas feições brilhavam por uma graça ideal, o seu olhar parecia fixar-se no infinito, e Pedrinho dizia a si proprio que aquella singular belleza não era da terra! A scena da vespera, a fatal scena da ceia! impedio Margarida de lhe dirigir a palavra: a elle, impedia-o de lhe fallar o encanto em que ella viera mergulhal-o. Que de inefaveis revelações trahio o humido olhar da creança, em quanto a actriz permanecia callada olhando-o, e que elle sentia todo o seu sangue affluir-lhe ao coração! No momento de se apearem Margarida poz a mascara, e estendeu a mão a Pedrinho que lha apertou cheio de paixão; mas, nem uma palavra de algum d'elles cortou o silencio que toda essa noite guardaram.

No meio do baile, a actriz, que dera o braço a um dos seus companheiros, disse-lhe com um fundo suspiro:

- Porque não consenti eu que a Candida gostasse d'elle?!
  - Disseram-me que é rico! replicou o actor.
  - Que me importa?
  - Não te importa que seja rico?! redarguiu o homem espantado.
  - Se o amo! disse Margarida.
  - A este pequeno?
  - A esta adoravel creança, de cujo amor eu não sou digna!
  - Que loucura! Deixa que uns copos de Porto te apaguem essa idéa!
- Vamos ceiar ao botequim!

Quando Pedrinho tornou essa noite a avistar a actriz, encontrou-a a uma meza, cercada de homens com quem ria, a gritar e a contender com os que passavam. Ao ver Pedrinho, tornou-se pallida e escondeu a cabeça entre as mãos. A embriaguez a que chegára, porque o actor a obrigára a beber até se embriagar, não lhe riscára todavia da lembrança as feições d'elle, e ao reconhecel-o tremeu de vergonha e de raiva pela consciencia do estado em que se achava. Pedrinho deixou logo o baile, e na manhã seguinte escreveu esta carta á actriz. Pobre Pedrinho! era a primeira vez que elle escrevia a uma mulher!

«É-me impossivel permanecer aqui, Margarida! O meu espirito accusa o meu coração, e é triste sempre o amor que a rasão desdenha! Porque não póde a gente amar e detestar, quando quizer? Para que me está Deus condemnando a um amor sem amor, e a um odio sem odio?! Conheço agora que irresistivel encanto me prende á sua voz e ao seu olhar... Mas, — pois que é preciso assim! — não tornarei a encontrar esse olhar nem a escutar essa voz. Julguei que tinha esquecido tudo, vencido tudo. Louco! Quando a vi junto de mim, prestigiosa e seductora, n'aquelle traje de theatro, a minha paixão incendiou-se de novo pelo primeiro raio de luz que os seus olhos despediram sobre mim! Vence-me e prostra-me. Quando a minha alma se julga livre do amor, tento vel-a outra vez e encontro-me a amar de novo! Fraqueza é isto? É força; força funesta do teu poder. Mas, teimar n'um amor assim, que ha de morrer ao approximar-te e nascer quando eu te vir na scena... Teimar n'um amor assim, para que? Adeus, e sê feliz! Pela minha salvação te juro, que te fujo per te adorar! Esta noite irei ainda ouvir-te, e depois nunca mais! Tenho na vida, como se tem nos campos, medo da altura em que se vê de mais perto o ceu! Margarida, adeus!...

Quando á noite, creança imprudente, quiz ir pela ultima vez brincar com o fogo, o porteiro do theatro entregou-lhe uma carta, com a recommendação instante de que a lesse antes do subir do panno. Pedrinho voltou ao salão e leu estas poucas palavras: — «Fique, e será feliz. A Margarida da noite da ceia ha de desaparecer para sempre, e

cahirá ao seu primeiro amor a frieza que lhe vivia n'alma; porque Margarida é outra agora! Margarida ama! soffre! espera! Quero vel-o esta noite depois do espectáculo. Se a sua obstinação fosse tão longe, que desdenhasse agora o amor que me accordou; se, apesar dos meus rogos, insistisse em partir, seria esta a minha ultima noite de theatro. No intervallo do segundo acto, mandarei procural-o á plateá. Dirá então a quem eu ahí lhe enviar, se consente em ter piedade de mim! Livre-me Deus que a resposta não seja marcar-me a hora a que devo esperal-o depois da recita: o publico já não me ouviria no terceiro acto.

Pedrinho, diga-se a verdade, sentiu uma singular impressão por esta carta.

— Quem me diz que não seja uma intriga de bastidor, alguma aposta entre comicos que se propoem a rir á minha custa, se eu não partir depois do que escrevi?

Deu-se o signal do erguer do panno, e Pedrinho entrou na plateá. Representava-se não sei agora que negro drama de conspiradores.

Margarida abria a peça por uma longa falla; a fraqueza e o abatimento, que se lhe revelava nas feições, fazia suppôr que convalescente apenas de alguma doença que a houvesse allastado do theatro, deixára n'aquella noite o leito pelo tablado, e tentára a luta suprema da vontade contra a fraqueza phisica. Quanto mais palida se mostrava, mais negra profundidade tinha o seu olhar: quanto mais emmagreciam as linhas da sua gentil fronte, mais deixavam transparecer o fogo sombrio da sua alma: e quando a inspiração chegou e a languidez se extinguiu pouco a pouco, saíram d'aquelle peito debil e d'aquelle collo de cisne, gritos e ais que quebrariam um tronco de Hercules... Palpitante de amor, ebria, inquieta, delirante de raiva e de ciume, estremezia e elevava-se em agonias de gigante... Por um momento os seus olhos, aquelles olhos soberbos de voluptuosidade e de luz pareceram procurar o logar de Pedrinho, e despediram sobre a creança um olhar suave, meigo e humilde, um doce olhar de esperança!

— Impossivel! disse Pedrinho a si proprio. É impossivel partir se continuo a ver-te! Que instincto me conduz para ti, não sei! Dir-se-hia que na tua fronte vejo brilhar a minha estrella!..

E impetuoso e desvairado ergueu-se e saiu. A actriz acompanhou-o com a vista, e sentiu-se tremer de terror. Elle fugia-lhe!

Pedrinho vagou pela rua como louco, e pediu á sua alma o animo e a fé.— Margarida! Margarida! dizia elle: Oh! deixa-me partir! Á semilhança das princezas encantadas, de que resam as lendas, tu perdes o encanto quando o dedo de um homem te toca! É a scena e a arte a tua vara de condão... Quando as luzes se apagam e o publico te abandona, a tua vara magica quebra-se, como o poder instantaneo

das fadas que morrem ao nascer do dia... O imprudente que se atreve a fixar o sol, encontra a vista perseguida por um atterrador circulo escuro: pois sim! seja a recordação e a saudade o castigo de te haver amado! Ficar e ver-te de perto, seria a queda do teu reinado: o meu amor é o throno que te ergui, e a illusão o reino em que te adoro; se saisses d'esse reino, perdias o teu throno!

Um indefinido desejo, um vago presentimento talvez, pareceu conduzir-o de novo ao salão do theatro.

Encontrou-o apinhado de gente, e, apesar de conseguir romper por entre os grupos e chegar até á platéa, ninguem encontrou ali. Os camarotes estavam desertos, e o lustre principiava a apagar-se.

— Ás dez horas! Mas, são dez horas! Pois possivel que o espectáculo terminasse já?

Acabava de atirar esta pergunta ao primeiro vulto que topou, quando lhe apontaram para um annuncio em que encontrou estas palavras: «Por haver desaparecido do palco a actriz Margarida, não é possivel continuar o espectáculo. O publico póde receber o importe dos seus bilhetes.» Ao lembrar-se então da carta, que Margarida lhe escrevera e que elle em tão pouca consideração tomára, um terror subito se lhe apoderou do animo, e as lagrimas do remorso escaldaram pela vez primeira aquelle candido rosto de creança.

A actriz não havia prevenido ninguem do que planeára. A pobre rapariga saíra n'um entre-acto, escondida no velho capote de uma comparsa, e fôra, a pé, andando, andando, até chegar á humilde casa que a vira nascer, e de que a sua alma havia tido saudades muitas vezes. A filha perdida voltava ao lar domestico, contricta e em lagrimas. Das suas pompas da scena, nenhuma memoria, nenhuma recordação levava: abandonára com os applausos do publico, os aneis e dadivas dos amantes: voltava pobre, desamparada e triste como partira. A celebridade e os amores tinham sido para ella um sonho, e a infeliz, ao menos! acordou aos beijos de sua mãe!...

Quando Pedrinho voltou á Dos Negros, a senhora morgada recebeu parabens geraes das melhoras do menino. Elle fallava, cantava, e lia. Era a febre! O cura considerou-o salvo, quando lhe disseram que para em tudo estar mudado até já dormia horas inteiras. Fez-se uma festa em acção de graças, e o sermão deu-o por prompto. Ninguem ali advinhou que a creança era mais infeliz que nunca, e que o somno dos olhos é horrivel, quando o coração não dorme!...

Era possivel n'esta situação ainda, fazer d'elle um poeta. A mãe mandou-o a Coimbra para o alcançar doutor: o pequeno viu o Mondego, e atirou-se ao rio.

JULIO CESAR MACHADO.



drão contra as preeminencias e fóros da nobreza. Mas a quem não tomára voz contra os inglezes, a quem se lhe dava pouco de saber aonde estanciava a côrte, a quem só com os romanos era livre, só com primorosos escriptores revolucionario, com os salgueiros do Mondego utopista de revoluções buccolicas, bem pouco importunava a perspicacia dos esbirros, e a feroz auctoridade das alçadas.

Não havia na ordenação penas de *majestate* contra os que, á semelhança de Castilho, ideavam, pelos moldes de Virgilio, e ainda mais do mavioso Gessner, republicas de pastores, socialismos de choça colmada e enflorada de myrthos e rosaes, egualdades desambiciosas de bemaventurados arcades, liberdade ideal de correr e doidejar pelas campinas, corôando por soberanas as Graças e os Amores no throno da ridente natureza. Não havia penas nê m bullas pontificias contra esta innocente maçonaria de pombas e cordeirinhos, de faias e carvalheiras, nem a igreja se offendia d'este poetico renegar das fontes baptismaes para tomar com a frauta e a samarra os nomes campesinos de Salicio ou Melibeu.

Castilho era pois assim politico. Como elle eram politicos os mais dos seus joviaes contemporaneos.

Que pois nos havemos de admirar, se por estes tempos achamos a Castilho saudando na sua coroação a el-rei D. João vi?

Escreveu, de feito, uma poesia ao soberano. Não estranhemos a inspiração, admiremola. Que se cante Napoleão, embora. O seu nome é uma ode já feita. A sua gloria defende o cantor de toda a sombra de adulação. Mas D. João vi era o rei mais bondosamente prosaico, de quantos se tem sentado no throno portuguez. Mediocre na prosperidade, e mediocre ainda no infortunio, nem admirava pelas suas acções, nem interessava pelas suas desventuras. A sua côrte podia ser uma comedia de intriga, mas repellia felizmente para a nação, todas as ambições da tragedia purpurada. Um rei, que reina antes de o ser, que embarca, ao estrepito dos francezes, que indireita para o Brazil, escoltado pelos seus cortezes alliados, que se aclima á sombra dos coqueiros, que desconhece com um cosmopolitismo verdadeiramente assustador o menor assomo de nostalgia, que prosegue em se deliciar no Rio, como d'antes na pavorosa Mafra, com a melodia soturna do cantochão; que depois ouvindo rugir ao longe o tigre popular, reparte o seu animo entre condescendencias e terrores, que aceita as bases da constituição, com a sinceridade de um Manoel Borges, e depois com monachal sinceridade as annulla sem aze-dume e sem pesar; um rei, que a si decreta a corôa de imperador, e pede, nos seus receios dynasticos, a toga de presidente

da republica; um rei assim é um exemplo seguro para moralistas, mas é o pessimo dos assumptos para poetas. É a burguezia coroada com todos os accidentes afortunados ou adversos da sua despoetizada condição.

Para indultar o crime do estro, se acaso o houve, com que o nosso Castilho no seu alvorecer poetico festejára a realesa, participemos ao leitor que foi esta a composição, que melhor fortuna lhe aliciou. Quando o poeta canta o povo como Béranger, recebe a moeda do povo, a gloria; quando se lembrava outr'ora de cantar os reis, á similhaça de Boileau, conseguia a magra pensão de poeta cesareo. Castilho recebeu uma rendosa mercê em paga da sua oblata. Mas, ó poesia, ó virgem intemerata e castissima, ó visão ideal, que viajas pelo infinito no dorso dos hippógryphos, que te alimentas do mel do Hymetto, e do manná espiritual da tua santa inspiração, que reflectes na fimbria etherea do teu manto diaphano a luz, com que te doura a divindade; ó poesia, esconde, rubra de pejo feminil, os teus olhos formosissimos com o girão da tunica inconsutil! Ó prosa, ó carne, ó burguezia, ó ordenação do reino, ó cabelleiras anelladas de todos os velhos corregedores e ministros togados da casa da supplicação, ó manes utilitarios do regrado Bentham, exultae e tripudiae na humilhação, em que vos tem postos a arrogante magestade do espirito e do sentimento, Castilho, o poeta, o cantor de idyllios, a omnipotencia de um rei agradecido (pasmae de a quanto se atreve o despotismo!) mudou-o um instante apenas... em que? n'um escrivão.

A ironia era amarga, mas representava quatro pingues mil cruzados de renda annual e vitalicia ao injuriado cantor da *Primavera!* Era uma affronta, que o proprio Camões tivera perdoado no orgulho do seu infortunio e do seu talento. Era um preço vil, por que o vate da *Gerusalemme* houvera vendido, se podesse, a purpura da sua apotheose na heroica magestade do capitolio.

Contemos a historia, que vale a pena de se registrar para os vindouros.

Governava então a illustre diocese de Coimbra, e regia ao mesmo passo a velha universidade o bispo D. Francisco de Lemos. Já ninguem imagina hoje, n'estes tempos de nivelladora democracia, o que era, no regime decahido, um prelado portuguez, condecorado com todo o esplendor de um berço esclarecido, e com toda a auctoridade do poder episcopal, e ainda sobre tudo isto, com a suprema direcção do ensino publico. O reverendo bispo-conde reitor reformador, D. Francisco de Lemos, tirava da sua stirpe nobilissima, da sua valfa

na côrte, dos 120 mil cruzados annuaes da sua mitra, da sua auctoridade espiritual duas vezes veneranda na Egreja e no Estado, motivos com que realçar o orgulho nativo e a hereditaria allivez do seu character. Principesco na sua magnificencia, a sua alma alargava-se á medida da sua opulencia e da sua jurisdicção. Rodeava-o uma côrte numerosa de clerigos, nem todos evangelicos, os quaes exerciam no animo debil do prelado o influxo, com que as ruins ilhargas de magnates espirituaes ou seculares, costumam perverter a tibiesa das suas boas inclinações. Regia-se o bispo pelos conselhos dos seus aulicos de sobrepelliz, e o commum da gente da cidade via com maus olhos a turba de taes aduladores. Bem de ajuisar será qual fosse a maledicencia, que, recatada e timorata, vingaria na cleresia episcopal os erros do seu pastor. A historia parlamentar do congresso constituinte de 1821 depara-nos em violentas discussões mais de uma occasião por onde computar a infeliz popularidade, de que então gosava na Academia e na cidade o já quasi octogenario reformador.

Sucedeu pois, que um espirito dicaz e malicioso conglobou n'um só corpo os murmurijs soltos contra os clerigos do bispo, e lhes deu a amarga celebridade do ridiculo n'uma satyra, que voou de mão em mão sob o titulo de *Lanterna magica*, e foi lida e gostada com esta avidéz deliciosa, com que se devoram libellos provocados por demasias do poder, nos tempos, em que jaz oppresso o pensamento e cerrada a imprensa com os cadeados da censura.

Nunca foi possivel atinar com quem fosse o auctor. A varios, como succede, se attribuiu a gloria, perigosissima e funesta do poema. Cairam porém as suspeições do bispo e seus clientes em tres graves cathedricos da faculdade de medicina. Sua excellencia reverendissima elegeu, para lhes dar os emboras de tão graciosa composição, e de tão festivo sal e chiste comico, aos doutores Castilho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Angelo Ferreira Diniz. O leitor adivinha já, que o jury, convocado para coroar nos tres doutores o mérito da satyra imputada, não foi uma secção da Academia, nem umas *côrtes d'amor*, como as que presidia o rei Renato, senão um carrancudo e feroz corregedor, circumdado de escrivães e de meirinhos, solemnemente convidados a apreciar, segundo a esthetica das ordenações do reino, a bellesa picaresca do desenho, a freseura demasiada do colorido, e a propriedade exaggerada dos epithetos. Duas devassas, em que juraram falsamente alguns inimigos dos tres lentes, deram em resultado serem elles suspensos de seus officios. O bispo offendido no seu orgulho, estendeu a purpura sobre as feridas que

no dorso dos seus clerigos havia rasgado o flagello do anonymo Juvenal. O processo foi remettido á côrte do Rio de Janeiro, precedido e acompanhado de um cardume de missivas, em que o prelado empenhava com os seus amigos, — que os tinha poderosos na côrte e nos tribunaes —, todo o seu valimento e auctoridade para que de tão inaudita affronta e arrojamento se tirasse vingança exemplar. Não se esqueceu o bom do bispo, de dar relevo e seducção á sua desartificiosa eloquencia epistolar com varios dons e presentes, que em mercancias e acepipes europeus, apreciados no Brazil, subiam ao valor de muitos mil crusados. Tão sabedor era o prelado de que a venda que cega os olhos da justiça já por aquelles tempos, como agora succede nos nossos dias, não é tão espessa, que não deixe perceber com delectavel seducção o oiro dos corruptores. Tão confiado andava em que a justiça, que a mythologia figura *vendada*, a realidade no-la depara muitas mais vezes *vendida*.

Se fossem agora delineados os planos do bom reformador, e se nos tempos, que hoje correm, se levantasse pleito entre elle e os que elle suppunha os seus detractores, venceram de certo os respeitos do magnate a innocencia dos accusados, porque pôde agora com dobrada razão caber ás leis e ao rigor dos seus executores aquella notavel sentença de philosopho antigo, quando affirmava que eram ellas como as teias de aranha, que prendiam os insectos pequeninos, e eram rotas pelos animaes de maior vulto.

Felizmente para a verdade as justiças destes reinos (que a falar com a mão na consciencia nem sempre andaram exemptas de todo o peccado venial) não deram rasão ao reverendo prelado reformador.

O Dr. Castilho, temeroso de que lhe fizessem agravo, se o julgassem á revelia, nos tribunaes do Rio de Janeiro, seguiu para a nova capital do reino, as missivas e as páreas do bispo. Chegado á côrte, achou alli visiveis os effeitos da munificencia e da valia do prelado. Inclina-se a justiça quasi a decretar a paternidade da *Lanterna magica* aos tres innocentissimos doutores.

Era então um dos principaes secretarios de estado de el-rei D. João VI, na repartição dos negocios do reino, Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que deixou illustrada a sua memoria em excellentes trabalhos de jurisprudencia nacional nas collecções da nossa Academia. Fallou-lhe o Dr. Castilho, expoz-lhe a verdade, demonstrou-lhe a sua innocencia. Fallou por elle o valimento, com que tambem o favoreciam pessoas de auctoridade na côrte. Foi o processo á relação, que o annullou, declarando o Dr. Castilho e os seus collegas da faculdade illibados de toda a culpa,

com que pertendia macula-los a sanha do bispo-conde. *Tantane animis caelestibus irae!*

As penas, com que esperava o bispo ver punido o imaginario sacrilegio do Dr. Castilho, converteram-se em bom gasalhado, que na côrte recebeu e em mostras de regia benevolencia. Fundava-se por aquelles tempos uma colonia suissa no Brazil. Era a povoação de Nova Friburgo. Deputou o Governo ao Dr. Castilho para que em companhia do monsenhor Miranda fosse presidir a inauguração do nascente estabelecimento.

Antes de partir para a sua nova commissão, obteve o Dr. Castilho uma audiencia de el-rei e n'esta occasião lhe apresentou o poema, com que Antonio Feliciano saudára a aclamação do monarcha portuguez. El-rei, como pouco attreito a vaidades de literato e a subtilesas de critico, não discriminou no poema nem as bellezas nem os defeitos. Costumado a ver-se guindado, na sua burguezia vulgaridade, até ao pedestal dos heróes, nos sonetos genethliacos, com que obscuros poetastros de luminarias o engrandeciam no dia dos seus annos, sentio-se desvanecido com que o acclamasse de novo um verdadeiro poeta, já preconisado, em verdes annos, como um talento privilegiado e singular em toda a conimbricense academia. Acolheu el-rei a offerta do poema com palavras de bondoso agradecimento. Soube que o poeta era um moço, que desde a puericia perdera quasi inteiramente a vista, e que lendo por alheios olhos, cursára com distincção a universidade, como o demonstravam os attestados, que o Dr. Castilho levára de Coimbra. El-rei para significar a Antonio Feliciano a satisfação, que experimentava com os progressos dos seus estudos e com a felicidade do seu engenho poetico, proveu-o no officio, então rendoso, de escrivão, chanceller e promotor na correição de Coimbra, e expedio-lhe o provimento n'um diploma, em que com palavras honrosissimas se allegavam por fundamentos da mercê os talentos distinctos do apariado.

Eis ahi como Castilho se achou, sem o sonhar, levantado, — ou se querem antes, rebaixado — á cathegoria de escrivão do civil. As musas portuguezas, que já haviam com Antonio Ferreira e Gabriel Pereira de Castro subido a julgar nos pretoriaes da magistratura portugueza, estavam agora ameaçadas de trocar a lyra pelos autos, deixando de escrever por metros para escreverem prosaicamente á rasa.

Felizmente n'aquelles aureos tempos da velha monarchia a legislação ou o costume havia introduzido em quasi todas as funcções publicas uma saudavel instituição, que umas vezes escudava a preguiça dos desembargadores, e que d'esta vez ao menos

servio para livrar do protocollo o engenho feliz de um vate melodioso. Esta providencial instituicao era o *serventuario*. Era este o verdadeiro funcionario, e a troco de uma parte cedida nos salarios, disfructava quietamente o titular os proventos do seu officio, podendo longe dos negocios vagar ao tracto intellectual, quando se era poeta como Castilho, ou ás delicias da opulenta ociosidade quando se era fidalgo ou desembargador.

(Continua).

J. M. LATINO COELHO.

*[The following text is a mirror image of the text on the reverse side of the page, appearing as bleed-through. It is not legible in this orientation.]*

## CRITICAS LITTERARIAS.

M. M. Barbosa du Bocage — Francisco Manoel do Nascimento — José Agostinho de Macedo.

Não é nas eras de exaggerada devoção que a litteratura profana mais floresce, e que a poesia solta os seus mais altos vôos.

A prostração intellectual no reinado de D. João v, nem mesmo se poudé reanimar com a criação da Academia Real de Historia que para estar em analogia com o espirito monastico da época, se dedicou quasi exclusivamente a trabalhos de historia ecclesiastica.

O fanatismo todavia, não contribuia por nenhum modo a tornar os costumes mais puros. Os jejuns, os cilicios, e as praticas asceticas longe de applicarem os desejos sensuaes, o que S. Francisco de Sales denomina *regimbes de l'ânesse*, excitavam com mais vehemencia os ardores da carne, e a fragil natureza humana succumbia, porque se não offendem impunemente as leis da nossa organização.

Tivemos entretanto, no glorioso reinado de D. João v, um Camões, não o dos *Lusiadas*, mas o da *Martinhada*, e possuímos um poema não quadro das nossas descobertas e conquistas, mas o quadro obsceno das devassidões do seculo.

A popularidade dos *Lusiadas*, como a de todas as grandes composições, que resumem o sentimento nacional, e que são o fructo de um sublime amor patriotico, acompanhára successivamente as glorias do paiz, e os heroicos feitos da sua historia.

No seculo xvii as edições haviam sido numerosas, por que as victorias de Montes-Claros, das linhas d'Elvas, da India, America e Africa

demonstravam que nos corria nas veias o sangue dos cavallarciros de Ceuta e de Arzilla, e dos conquistadores de Goa, Ormuz, Dabul e Ceylão.

No seculo xvii haviam sido successivas as edições. Em 1607, e em 1608 Crasbeek fez duas edições diversas dos *Lusiadas*: em 1613 outra: em 1630 outra corrigida, e augmentada por João Franco Barreto: outra em 1633 por Lourenço Crasbeek: outra em 1650 por Pedro Crasbeek: outra em 1669 por Antonio Crasbeek de Mello: e a de Madrid em 1639 com os commentarios de Manoel de Faria e Sousa.

São tres apenas as edições no reinado de D. João v, a de Ignacio Garcez Ferreira em 1731 e 1732: uma edição em Paris no anno de 1754: e uma reimpressão da segunda edição em 1720.

Os *Lusiadas* eram tão pouco apreciados e o nome de Luiz de Camões descera a tal vilipendio, que L. A. Verney, o reformador dos nossos estudos, adversario implacavel dos jesuitas, e que nos representara em Roma dirigindo os negocios com summa habilidade diplomatica, atrevia-se a fallar do poeta n'este tom desdenhoso:

«Camões teve muito engenho, imaginação fecunda e grande, e se estudasse poderia desempenhar o argumento do poema épico. Teve muitas qualidades de poeta, aproveitou-se bem de Petrarcha e de Bocacio e é maravilha que o escrevesse tão bem para aquelle tempo. Mas que-rel-o comparar a Homero, ou collocar-o acima dos épicos das outras nações, a elle que foi tão falto de *erudição*, de *juiso* e *discernimento*, Santo Deus! que heresia e que absurdo!»

A primeira renascença litteraria, que nos livrou das inspidas lóas da *Phenis Renascida*, partiu da Arcadia fundada no anno de 1759, quando D. João i subira ao throno. Organizada á imitação da Arcadia de Roma, dedicava-se exclusivamente ao culto da poesia, emancipando-a do gongorismo que pervertera as letras.

Pelo genero bucolico, aperfeicoava-se e amenisava-se a lingua e restituia-se-lhe a graça nativa que admiramos em Bernardim Ribeiro, e ao engenhoso Francisco Rodrigues Lobo.

Os homens mais eminentes da Arcadia, versados largamente na litteratura antiga, eram Pedro Antonio Corrêa Garção — o auctor da Cantata de Dido, e feliz imitador de Horacio; o de Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elspno Nonacriense) que escreveu odes, e sonetos repassados de vigor e de colorido, tornando-se inimitavel no genero satyrico escrevendo o *Hyssope*, habil imitação do *Lutrin* de Boileau:

Domingos dos Reis Quita (*Alcino Myceno*) o auctor do drama *Lycoris*, seguramente o que possuia mais estro e originalidade, e sem ser demasiadamente versado nas linguas antigas, advinhava o perfume bucolico de Virgilio.

O marquez de Pombal, que protegia toda a sciencia solida e pra-

tica, e que aborrecia as liberdades da poesia que sempre mais ou menos tendem a offender o principio da auctoridade, perseguio Pedro Garção, encerrando-o inhumanamente n'uma prisão, e a Arcadia dissolheu-se no anno de 1774.

Os representantes da segunda renascença foram M. M. Barbosa du Bocage, Philinto Elysio e José Agostinho Macedo, como demolidor, e Nicolau Tolentino de Almeida, pela elegancia attica das suas satyras.

É evidente que em certos generos especiaes haviam poetas que os excediam, e os mais notaveis eram o Curvo Semmedo, Vicente Pimentel Maldonado e outros não menos notaveis.

Dois seres distinctos existiam na pessoas de Manuel Maria Barbosa du Bocage, como já escreveu Almeida Garrett, com o seu supremo gosto em cousas de arte. O poeta inspirado e o versificador entumecido e banal: o auctor que geme a sublime elegia da *Saudade Materna*, comparavel ás mais bellas de Lamartine, que só trinta annos depois encetou esse genero, e o improvisador de versos eroticos e sonetos bombasticos, que glosava o mote nos botequins e nas tabernas, e cujo estro se accendia pelas frequentes libações do ponche e da philippina.

Quem póde duvidar que alguns dos sonetos de Bocage respiram a ideal e mystica adoração do mavioso Patriarcha, quando ouvia a doce voz de Laura, misturando-se no murmurio da Fonte de Vaucluse?

A poesia na Europa desfallecia, exceptuando na Allemanha, cujo genio desabrochava nas encantadas ficções da idade-media, e ao grito de independencia que rebentava do seio do povo, que defendia a patria contra a invasão estrangeira.

A litteratura do imperio era regrada, e ordenada como a disciplina militar que reinava nos exercitos. Os poetas arranhavam na lyra de Anacreonte, e M. Lebrun cantava os hymnos da victoria em versos pomposos, mas que recendiam á pensão, que inspirava o seu estro.

Estas lutas, estes immensos abalos, estes triumphos só podem inspirar a imaginação dos poetas, quando a serenidade da paz, vem dar paz aos espiritos. Um amante poeta, no paroxismo da paixão, é um mau interprete das suas impressões. É o que acontece nas épocas de grande agitação social e politica.

O que se sabia em Portugal da revolução franceza, das generosas aspirações que a inspiravam, das grandes victorias que a engrandeciam, quando as noticias nos eram transmittidas na prosa ethica e enfesada da *Gazeta de Lisboa*?

A morte de Maria Antonieta commoveu profundamente a imaginação apaixonada de Barbosa du Bocage: — Lagrimas piedosas brotaram dos seus olhos: soltou um brado de indignação, contra os barbaros que não tinham perdoado ao infortunio e á formosura.

Já cerrado estaes, olhos divinos.  
 Já voando cumpriste, alma formosa,  
 A ferrea lei do asperrimo destino.

Do Rei dos reis na Côrte luminosa  
 Revês o pio heroe, por nós chorado  
 Que da excelsa virtude os louros gosa.

Na mente os observo, eil-o a teu lado  
 Implorando ao Senhor, que aos máus flagella,  
 Perdão para seu povo allucinado.

Dêspido veu corporeo, oh! alma bella  
 No seio de immortal' felicidade,  
 Só sentes não voar mais cedo a ella.

A *Saudade Materna*, que Bocage impropriamente denominou *Idyllio*, e que é uma verdadeira elegia, se não fôra a *symbologia mythologica* de que o poeta profusamente abusava, seria uma das mais bellas inspirações da musa moderna :

Oh! fado! oh! Céu! Restitui clementes  
 Os genios divinaes que em vós esperam  
 (Candida imagem da innocencia d'ella)  
 Trazem d'alma gentil, que entre elles brilha  
 Sobre as plumas de neve ao mundo tornam

No despojo mortal formoso e caro  
 Soltando do almo calor, bafejo etheréo  
 Accordam graças, insinuam vida.

Mãe chorosa, infeliz, sem fructo gemes  
 Penas sem fructo: em lagrimas te mirras  
 Com ais te esfalfas! e o destino é surdo!  
 Pesada escuridão me enlute a vida!  
 (Vida tão negra, que arremeda a morte)  
 Noites bem noites os meus dias sejam  
 Em quantos eternos soes lá são teus dias  
 De um puro e doce amor, oh! doce prenda  
 Espirito sereno, alma querida  
 Que no mundo em ti mesmo o Céu gosavas

Não roce os labios mais, nem mais um riso  
 Meu tenro coração ralai, saudades!...  
 Aqui desprende um ai, que aos astrós v0a...  
 Em subito desmaio os olhos cerra  
 (Os olhos, a que amor victorias deve)  
 E cae sem voz; sem c0r, sem luz, sem alma  
 Em torno a terra lhe gemeu piedosa  
 E v0s, aves de luto, aves de morte  
 Com men0s agro som, porem mais triste.  
 Com que as leis embrandecer tentastes  
 As leis terriveis, de inviolavel firma.

.....  
 .....  
 A gloria de Philinto Elysio bastava haver inspirado o engenho de Almeida Garrett, se al0m d'isso n0o houvesse regenerado o nosso idioma, approximando-o das eras do quinhentismo, e dando-lhe o caracter latino, sobretudo na bella traducç0o da « *Vida d'El-Rei D. Manuel*, do bispo Jeronymo Osorio.

A sua vocaç0o hesitava entre duas contrarias tendencias: imitador de Horacio, e cultor da litteratura da antiguidade, sentia-se ao mesmo tempo attrahido para a regeneraç0o romantica, iniciada por M. de Chateaubriand e Mad. de Stael, e vasada em versos um pouco duros mas cheios de energia e de pompa os *Martyres*, poema t0o essencialmente moderno.

O desterro, e as saudades da patria, concederam-lhe aquelle perfume de melancolia e de tristesa a que os poetas devem as suas mais bellas inspiraç0es. O espect0culo de uma civilizaç0o t0o superior 0 de seu paiz, successivamente imprimiu grande energia 0s qualidades do seu talento.

Apesar de inferior em arrojo e imaginaç0o a Barbosa du Bocage, tornou-se um instrumento efficaz, da renascença litteraria que succedeu 0 revoluç0o liberal.

O *Oberon* poema de Wieland 0 a obra prima do distincto e venerando poeta, pousadias e primores de phrase e de imagens, que depois Almeida Garrett habilmente alindou, tornam este poema um modelo superior de estylo poetico:

Que bella imagem e t0o vigorosamente expressa:

O heroe vosso  
 Cuida em deixar os sitios de combate  
 O seu cavallo, que de espuma alveja  
 Arremessa 0 planicie, que se espraia  
 Do alto das serras a perder de vista.

## Pittoresca descripção :

Dormiu somno opulento, até que o gallo  
 Sentiu chegar da Aurora o roseo coche.  
 Então lhe agita portentoso sonho  
 Os seios da alma : incognita vereda  
 Imaginar ir trilhando : a qual alheia  
 Margens d'uma torrente, entre campinas  
 De assombrada espussara. E eis logo avista  
 Donzella divinal, que abre aos olhos  
 D'um céo sem numero a pureza, o mimo.  
 E em toda ella de amor os attrativos.

Não menos admiravel é a poesia com que elle descreve a encantada  
 apparição de um sonho.

## Dize embora

Que enlouqueço : — Ella vive e eu possuia-a  
 Breve instante : heide achal-a, hade ser minha,  
 Ah ! se a viras, como eu ! lindeza de anjo !  
 Qual m'a affigura a idéa, t'a pintára  
 Tem ao vivo, que o peito te aquecera,  
 E de annos t'a abrazara, E eu sem mais emenda  
 Haver d'ella, que a vida, que hoje é sua !  
 Que não déra eu para ser a flor ditosa  
 Que entre as neves reclina de seu peito !

Imagina uma dama, em viço e lustre  
 De mocidade, qual nos pintam Hebe,  
 Tecido o rosto em rosas e assucenas,  
 Da-lhe um talhe do mais airoso garbo,  
 Labios em que passeia gracioso  
 Socegado sorriso : realçados  
 Os attractivos seus n'um magestoso  
 Ademan, que o desejo excita e suspende !  
 A sombra ao menos tens d'a que adoro.

.....  
 .....  
 Donzella tanto aos anjos semelhante...  
 Que eu chamei vida foi frieza  
 Foi um viver sem alma, que vivo  
 Só no sonho senti o que é ter vida.

Que me vale levar em mais longo tempo  
 Fraudulenta esperança! Se inimigo...  
 Poder se desenfrea em meu destroço...  
 Que mais posso esperar? — A tempestade  
 Que m'a arrancou dos braços, bem me inculca  
 (Mais que muito) qual seja o meu destino.  
 Que m'a roubaram! — Como estendendo os braços  
 A esse para mim! hediondo amparo!  
 Ai! que sinto enregelado o sangue!  
 De espanto — Qual fiquei — sem movimento  
 Arrojado no chão — sem ir valer-lhe!

**Bella imagem de uma artista, enlevada na inspiração:**

Com que destresa correu no preludio,  
 Seus roseos dedos, dando alento ás cordas,  
 Que extremos d'alma explicam! Que mimoso  
 Braço solto se veste! Um niveo seio  
 Que enleio aos sabios dera! A voz divina  
 Que n'o consolal-o o animam! Quem aos cultos  
 De tal deusa, resiste ou não se presta.

Mas para a assi cantar com tanto affecto  
 Convinha sentir na alma o que cantava.  
 Calla-se o orgulho, e a natureza vence.  
 Nunca mais terna foi de Venus a ave  
 Nem foi do amor mais eloquente a lingua  
 Mais puro o som, mais écho intercallado  
 De suspiros, nem mais rosado o rosto,  
 Nem coração pulsou com mais vehemencia:  
 Tudo clama a torrente devastada.  
 Ditosos valles — que ao despacho empecem

Jose Agostinho de Macedo, com o seu genio turbulento e anarchico apesar de absolutista, tornou-se furioso demolidor da auctoridade, na esphera da arte, e poz termo ao reinado dos *versos annões a annãs Nerinas* e aos motes desenchavidos.

Sobre a pira fumegante  
 Ardem ternos corações.

José Agostinho de Macedo não comprehendia os graciosos mythos das religiões pagãs, nem a candida poesia das eras primitivas, e para

elle Homero, Dante, Camões, Lope da Vega eram uns vates mediocres que não valiam o dedo minimo do immortal Alexandre Pope, que uniu a philosophia e a poesia em terno consorcio.

O nectar e a ambrosia, são para elle um veneno: esse cortejo de musas magestosas; Jupiter armado do escudo, a augusta Juno d'Argos, de chapim de ouro: Minerva filha de Jupiter, de arrogante aspecto: Phebus-Apollo, da altiva Diana caçadora: Neptuno que cerca e faz estremecer a terra: a severa Themis, Venus, de olhos languidos: Hebé cingida de corôa d'ouro, graças, o grande sol, a lua esplendida, foram precipitados do Olympo, pela mão brutal dos novos Titans!

José Agostinho, era um ente por tal modo ignobil, que o seu talento revelava os vicios de seu character: o estylo n'elle era o homem, e as obscenidades, as pilherias grosseiras, os equivocos torpes referiam nas suas satyras.

Não fallando da impudenciã com que alugava a sua penna a todos os partidos, e a devassidão dos seus costumes, bastará dizer que foi espião de policia, e que poudo vingar os seus odios litterarios, compromettendo os seus rivaes, por falsas denuncias.

De todas as obras, no genero comico que escreveu, *As Pateadas*, é a que possui mais merito, porque se desforçava dos desastres theatraes, e punha em ridiculo os auctores, que inferiores em erudicção, possuíam superior vocação para a arte dramatica.

A maior injuria que Platão poderia fazer a si proprio, e ao seu engenho, foi a de affastar da sua republica ideal os poetas, embora co-rodos de flores.

Vates lhe chamava a antiguidade quer dizer prophetas e seguramente foram elles os verdadeiros chefes espirituaes da humanidade, nas crises da sua transformação.

Homero fundou a religião da sua patria e a Grecia caminhou constantemente para o ideal, que lhe marcara no horisonte do futuro a Illiada e a Odyssea. Seria acaso Alexandre senhor do mundo, se porventura não tivesse diante dos olhos a imagem do heroico Achilles, que deu principio á reacção grega contra a Asia isto é, da civilisação contra a barbaridade como elle depois a terminou com as conquistas que o tornaram senhor do mundo.

Nero, que se tornou o arbitro dos destinos de Roma e nada receava via em sonhos a imagem ameaçadora do poeta Luciano, que por ciume litterario obrigára a suicidar-se.

Nas épocas modernas a sua influencia não é nem menor nem menos gloriosa. Dante resumindo no seu grande poema a philosophia e a religião, e a historia da idade-media, aponta ao mesmo tempo á humanidade moderna os seus futuros destinos, na idéa da separação do

poder temporal e do poder espiritual, e no principio da unidade das monarchias.

Conheceria acaso a Europa os serviços que Portugal fizera á civilização, quando obscuramente vegetava na servidão e na ignominia, durante dois seculos se os *Lusiadas* não proclamassem ao mundo o esplendor das suas antigas glorias?

A nossa época em que prepondera a sciencia e a industria produziu logo no principio do seculo grande numero de poetas, que não cedem aos da antiguidade.

Existimos realmente n'uma quadra de deploravel abatimento, e de profundo scepticismo, e são miserias os feitos homericos de Garibaldi, as batalhas de Solferino, Magenta e Montebello, não menos gloriosas que Arbelle, Pharsalia ou Cannas.

Goethe, Byron, Klostosh, Alfieri, André Chénier, Schiller, Chateaubriand, Wèland, Mad. de Stael, Leopardi, Manzoni, Ugo Foscolo, Walter Scott, Victor Hugo, Béranger, Qurilla, Espronceda e Martinez de la Rosa, são poetas insipidos e Napoleão que corôa o seculo um verdadeiro pigmeu.

A. LOPES DE MENDONÇA.

## CHRONICA

Camões é mais do que uma gloria, é mais do que um nome: é uma nacionalidade. Disseram-n'o já os homens eminentes que formam a commissão promotora do monumento, que se projecta á memoria do grande poeta: repete-o o paiz inteiro. Repetimol-o nós tambem com fé, e com esperanza, bradando por nosso turno: «ha de a nacionalidade ser considerada com indifferença n'esta terra de grandes recordações?»

Morreu o poeta sollicitando-lhe a esmolla dos derradeiros momentos aquelle Jão fiel, que na tradicção ficou inseparavel d'elle. Todos os que em Portugal meneamos uma penna, façamo-nos outros tantos Jáos a pedir e importunar: «subscrevei para o tumulo de Camões!» Não é esmolla, é divida. Um obulo para quem nos deu a immortalidade!

Os nossos irmãos do Brazil deram já o exemplo. E que exemplo! Poderemos repelir sem vergonha, que só fóra da patria — se ama a patria!

A este seculo pertence resgatar o esquecimento dos antecedentes. É grande a idéa. Prosiga-se com actividade e constancia... e a idéa será facta.

Manifestado este voto que era para nós um dever como escriptores, ençetemos a chronica.

Vem a proposito prevenir o leitor de uma boa nova: é a appareção da *Vida de Camões*, escripta e acuradamente apurada pelo erudito Sr. Visconde de Juremenha, que a esta diligencia tem consagrado os mais assiduos cuidados.

Sob o titulo de *Bibliographia nacional* encetou o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos uma analyse detalhada d'esta magnifica obra que recommendamos aos nossos assignantes. É uma apreciação verdadeira e traçada com extrema singeleza e elegancia.

Podemos dar ainda desta vez aos nossos leitores mais noticias litterarias.

O nosso infatigavel escriptor Mendes Leal tambem n'este momento publica dois romances, um no *Jornal do Commercio*, intitulado *Amostra de um grande dia*, que celebra o mais glorioso episodio nacional do seculo XVII; e outro no *Archivo Pittoresco*, com o nome da *Menina de Val de Mil*, que tem por fito traçar algumas notaveis feições do paiz no tempo da guerra peninsular: é conhecido o patriotico empenho com que o distincto polygrapho (segundo já o baptisou o chefe actual dos poetas nacionaes, o Sr. Castilho) se applica a resuscitar as glorias portuguezas.

Para rematar estas provas de laboriosidade mencionaremos ainda além das conhecidas e festejadas resenhas publicadas no *Jornal do Commercio*, um drama original em 3 actos *Martim de Freitas*.

Camillo Castello Branco, o romancista mais popular da nossa terra, concluiu tambem um livro que hade brevemente entrar no prélo e que se chama *Aventuras sentimentaes de Ambrosio Tanas*. — *Obra posthuma, edificante, e consultiva*. Suppomos que será mais uma satyra pungente, como outras já sahidas d'aquella penna aparada em bicos finamente epigrammaticos.

Temos igualmente diante de nós as folhas de outro livro que vai apparecer cedo a lume. Intitula-se *Scenas e Phantasias de nossos tempos*, por Lopes de Mendonça.

O que é a obra explica-o perfeitamente o auctor n'umas breves linhas que lhe servem de prologo. Logo, para realisar o nosso intento que se resume a dar uma idéa ao leitor do que são as *Scenas e Phantasias de nossos tempos*, o melhor que temos a fazer é transcrever aquellas linhas. Eis-as:

«Uma grande parte do volume pertence aos primeiros annos da minha vida litteraria, e ressentse se evidentemente da precipitação febril, que exigem os trabalhos da imprensa: são verdadeiros improvisos, não recitados n'uma sala ou n'uma praça, mas absorvidos pelo jornal quasi no mesmo momento em que eram produzidos.

«Composições d'este genero, não se publicam senão quando o auctor já dirigio para outras regiões, a sua actividade intellectual. É a litteratura ligeira como o definio ha pouco um dos grandes poetas do nosso seculo: rir, sorrir, brincar, amar, delirar, cantar com as novidades da vida que duram apenas um dia, como coisas que são de sua natureza juvenis. A estes peccados da

mocidade, que sempre nos merecem um certo amor, pôde-se applicar, como correctivo das levandades que contem, o conhecido aphorismo francez: *Il faut que jeunesse se passe.*

«O maior talento litterario que tem apparecido na nossa terra, depois do cantor dos *Luziadas*, escreveu *As viagens na minha terra*, e as liberdades de que elle usou, n'aquelle espirituoso devaneio, e que o publico recebeu com indulgencia, animam-me a esperar que as minhas tambem passem, sendo abonadas por um tão illustre exemplo.»

Rebello da Silva principiou um trabalho historico que publica em folhetins no *Diario de Lisboa*, com o titulo de *D. João II, e a conspiração da nobreza. — Luta da prerogativa real.* Para assegurar a valia d'esta producção, basta assignal-a tão illustrado e emiiente escriptor.

Terminam aqui as novas litterarias que são, não só as preferidas, mas tambem as que merecem mais attenção ao chronista da *Revista Contemporanea*. Quando porém lhe acontece, como agora, não poder continuar as suas divagações no campo das letras para não converter a chronica em analyse, é para o campo das artes que volve a vista em busca de alguma moderna producção nacional, e de certo acha ahi assumpto, tanto para esparecer a propria curiosidade como para fixar a attenção do leitor attento a esta parte do patrimonio da intelligencia que não menos do que o outro merece cuidados e disvellos.

Citaremos um quadro do Sr. Christino que tem por titulo *Recordações de Leiria*, composição que se recommenda pelo brilhante do colorido e fidelidade da copia. O castello de Leiria é alli reproduzido com uma exactidão de pincel que desafia o espectador a travar conhecimento com o original.

Como sempre o rei-artista, incançavel na protecção que dispensa aos homens de merito, comprou este quadro. A galeria do augusto patrono pôde servir de registro aos progressos das nossas vocações, tão certo é que um auxilio esclarecido é o melhor estimulo para desenvolver os talentos.

Teremos brevemente que admirar algumas novas composições do Sr. Annuniação, nas quaes sabemos que trabalha na actualidade com todo o ardor de uma inspiração fecunda e sempre viva. O Sr. Annuniação é incontestavelmente no seu genero o primeiro pintor portuguez e em qualquer paiz, podemos affiançal-o, occuparia um logar distincto. A um merito eminente reunido a estudos conscienciosos e perseverantes deve esta posição que ninguem lhe contesta.

Os seus quadros de animaes pela correcção de desenho e largueza de estylo hão de ser sempre altamente estimados, e nas galerias dos verdadeiros cultores da pintura terão indisputavel primazia. Entre os esboços que brevemente serão quadros acabados, conta-se um representando tres cavallos, especialidade em que ainda se não tinha provado o seu talento, mas que de certo corresponderá ás obras antecedentes.

Aguardamos a conclusão d'estes trabalhos para devidamente os apreciar e commentar.

Depois do que deixamos dito, folgamos deveras de poder offerecer hoje nas paginas do nosso jornal uma gravura do Sr. Annuniação. É *Um varino e uma varina*, copia de um quadro pertencente ao fallecido Sr. Manoel José Gonçalves, homem de reconhecida intelligencia e notavel bom gosto, cuja perda a imprensa diaria acaba de lamentar. A nós que o conhecemos e tratámos intimamente cumpre-nos tambem prestar aqui a sentida homenagem á sua memoria.

Gonçalves era um homem de bem, um espirito elevado, um coração generoso. Honrava a sua amizade; illustrava a sua conversação. Foi nos braços d'elle e do poeta Amorim que morreu o Visconde d'Almeida Garrett. Este presava aquella rasão esclarecida e modesta, que se engrandecia diariamente na leitura dos melhores livros. Estudava muito e escrevia pouco. Mas por isso mesmo era mais homem de letras do que a maioria d'esses que ahi se apresentam como taes, e que nada sabem apesar do muito que escrevem.

Homens como era Manoel José Gonçalves deixam saudades que nunca se apagam inteiramente, porque no decorrer da vida a recordação de um bom dito ou de um bom conselho vem de vez em quando avival-as.

ERNESTO BIESTER.